

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

Vanessa Soares de Paiva

***BERKELEY EM BELLAGIO:***

**Lugares**

**Juiz de Fora**

**2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

Vanessa Soares de Paiva

***BERKELEY EM BELLAGIO:***

**Lugares**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – Teoria da Literatura, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora acadêmica: Prof. Dra. Miriam Lidia Volpe

**Juiz de Fora**

**2009**

Paiva, Vanessa Soares de.

Berkeley em Bellagio: lugares / Vanessa Soares de Paiva. – 2009.  
75 f.

Dissertação (Mestrado em Letras)—Universidade Federal de Juiz de  
Fora, Juiz de Fora, 2009.

1. Literatura brasileira. 2. Noll, João Gilberto - 1946- - Crítica e  
interpretação. 3. Escritores brasileiros. I. Título.

CDU 869.0(81)

VANESSA SOARES DE PAIVA

***BERKELEY EM BELLAGIO***  
**Lugares**

Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre de Letras.

Aprovada em 24/09/2009

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dra. Miriam Lidia Volpe – UFJF – Presidente orientador(a)  
CPF:

---

Prof. Dr. Biagio D`Angelo – PUC-SP – membro externo  
CPF:

---

Prof. Dra. Maria Luiza Scher Pereira – UFJF – membro interno  
CPF:

---

Prof. Dra. Lyslei de Souza Nascimento – UFMG – Suplente externo  
CPF:

---

Prof. Dr. Alexandre Graça Faria – UFJF – Suplente interno  
CPF:

## AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Miriam Volpe, por sua presença, confiança, e por tudo o que me ensina.

Ao Prof. Dr. Alexandre Graça Faria, pelas significativas contribuições e pela leitura atenta do trabalho.

Aos professores da Universidade Federal de Ouro Preto: Dr. William Augusto Menezes e Dr. Carlos Eduardo Lima Machado.

À professora da Universidade Federal de Minas Gerais, Dra. Eneida Maria de Souza.

Aos colegas das comissões editoriais da Revista Eletrônica Gatilho e da Darandina Revisteletrônica, do Programa de Pós-graduação em Letras, e em especial à Coordenação do PPG-Letras – professoras Dra. Maria Clara Castellões de Oliveira e Dra. Verônica Lucy Coutinho Lage –, por essa oportunidade de integração.

A meus pais e à minha família, pela confiança. Aos sempre presentes Daviane, Dulce, Fernanda, Fernando, Gabriel, Josyane, Lara e Roberta, pela amizade conquistada e pelas discussões promovidas. Carla, Lúcia, Mari e Intocáveis – pela alegria da (re)acolhida, indispensável para a finalização deste trabalho. Allyson, Bruno, Fernanda e Vagner, grandes companheiros e incentivadores. A Vinícius, pelo carinho.

E em especial ao Prof. Leopoldo Commiti, que me provocou a teimosia necessária à feitura deste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho busca explicitar uma possibilidade de leitura e análise da obra *Berkeley em Bellagio* (2002), de João Gilberto Noll, a partir do tópico “lugares”, que podem ser: os lugares geográficos, explicitados no título do romance – o que implica o trânsito entre eles (insílio, exílio e desexílio) –; o lugar de enunciação do escritor sob dois aspectos – em relação a si mesmo (autobiografia e identidade) – e em relação ao escritor como intelectual latino-americano, explicitando a relação polêmica periferia/cânone.

Palavras-chave: Noll, lugar, intelectual, enunciação, identidade.

## **ABSTRACT**

The purpose of this work is to show a possibility of reading of *Berkeley em Bellagio* (2002), a novel by João Gilberto Noll, from the topic “locations”, that can be configured as: geographic, explicit in the title of the novel, and what it implicates the transit, interpreted as situations of exile – including the insílio (internal exile) and desexílio (the returning movement of the exiled); the loci of the writer`s enunciation under the aspects of finding his insertion and identity cartography in the postmodern world, as a Latin American intellectual, in the controversial relationship between center and periphery.

Keywords: Noll, location, intellectual, enunciation, identity.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: LUGARES E NOMES</b> -----	<b>8</b>
<b>2 LEITURAS DE SI</b> -----	<b>16</b>
2.1 A biografia -----	16
2.2 Pessoa sob <i>Persona</i> -----	19
2.3 O pacto -----	21
<b>3 DO INTELECTUAL LATINO-AMERICANO: LUGARES E SABERES</b> -----	<b>29</b>
3.1 O papel do intelectual-----	30
3.2 O lugar de enunciação do intelectual latino-americano -----	32
3.3 Os dizeres: nossos ou dos outros?-----	35
<b>4 BERKELEY EM BELLAGIO: INSÍLIO, EXÍLIO E DESEXÍLIO</b> -----	<b>39</b>
4.1 O insílio no exílio -----	40
4.2 Um novo exílio -----	44
4.3 O desexílio e o recomeço na ficção -----	52
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> -----	<b>62</b>
<b>ANEXOS</b> -----	<b>69</b>



## 1 INTRODUÇÃO

### Lugares e nomes

Conheci a obra do escritor João Gilberto Noll através do romance *Hotel Atlântico*, estudado na disciplina “Tendências atuais da literatura brasileira”, ministrada pelo prof. Dr. Leopoldo Commiti, na Universidade Federal de Ouro Preto, em 2002. Nesse romance, um personagem, sem nome, empreende um percurso litorâneo atlântico que o leva em direção ao sul do país. Referências como esta são apresentadas em outros romances do escritor, e contribuem para caracterizar o protagonista como um viajante, um sujeito ficcional que vive não em trânsito, mas, efetivamente, o trânsito. A palavra “hotel”, presente no título, pode ser lida como marca de transitoriedade, de algo provisório, passageiro. A jornalista Yudith Rosenbaum, quando da publicação de *Hotel Atlântico*<sup>1</sup>, denomina o personagem de Noll como “errante” e o autor como “escritor do homem dos avessos” (ROSENBAUM, 1989, p. 23-25). Esse termo, “avesso”, poderia significar algo reverso ou contrário.

Posteriormente, em um depoimento registrado por Eder Chiodetto em “O lugar do escritor”<sup>2</sup>. Noll reage ao epíteto e passa a definir literatura como um conhecimento “às avessas” e a diáspora como uma experiência de crescimento, como relatado nos mitos literários: “Literatura não é pedagogia. É um conhecimento às avessas, como se você precisasse transfigurar o mundo para poder extrair algum substrato do seu mistério – pois esse, sim, deve ser reconstituído a partir da tal Diáspora que os mitos literários recontam sem cessar”<sup>3</sup>(CHIODETTO, 2002, p. 104).

As situações em que seus personagens anônimos se envolvem são problemáticas, não só por eles estarem em constante deslocamento, sem possuírem, muitas vezes, objetivos pré-definidos para a viagem/percurso/trânsito, mas também por parecer serem simplesmente

---

<sup>1</sup> As duas primeiras edições do romance, pela editora Rocco, são de 1986 e 1989.

<sup>2</sup> CHIODETTO, Eder. *O lugar do escritor*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

<sup>3</sup> NOLL, João Gilberto. *O avesso do conhecimento*. In: CHIODETTO, 2002, p. 104.

levados pelo acaso dos acontecimentos ou por interrupções e possibilidades de mudanças de direção. Como por exemplo no romance acima citado:

Enquanto eu abria o mapa ia lembrando do que eu tinha dito para o motorista do táxi. Que eu faria um tratamento contra o alcoolismo no interior de Minas. No mapa o interior de Minas parecia um formigueiro de localidades. Os meus olhos desceram um pouco, entraram pelo interior de São Paulo, pararam no Paraná. [...] Resolvi comprar uma passagem para Florianópolis. Vi o nome da cidade num luminoso em cima de um guichê. De repente uma ilha: era um tema que me interessava. E depois eu nunca tinha ido lá (NOLL, 1995, p. 22-23).

Em alguns momentos, o trânsito estende-se para o cenário/ambiente em que as ações acontecem, e se modifica sem permitir, muitas vezes, acompanhar, ou “mapear”, com clareza, a seqüência da ação. Como em *Bandoleiros*, publicado pela primeira vez em 1985:

Atravesso agora um solo muito plano. Lembra uma plataforma no ar. Há momentos na vida como este: nada diante de mim. Só a luz e as estrelas como elementos a mais. O resto, noite. Olho para trás: nem mesmo a mecha de sol sobre Steve, mais nenhuma incidência no ar. Tive uma miragem de luz? Eu que não esqueço o cego, eu e meu sax – uma miragem de luz?  
 Já não quero dar em lugar nenhum.  
 Mas eu tinha pernas, e precisava andar. E tinha me metido por entre espessos blocos calcários. Parecia tudo calcinado. Como se ali o sol tivesse dado tudo por um dia, e agora fosse um elemento consumido.  
 Quando toquei numa rocha cheia de pontas me dei conta de que eu estava ainda vivo – e se dependesse de mim, nunca mais teria o que fazer. Me subiu uma náusea e de uma golfada só vomitei toda minha fome.  
 Meu Deus! Eu já não estava no deserto: meu ralo vômito sobre o piso de madeira de um alpendre. O alpendre da casa de madeira de Steve. Com o vômito eu parecia estar sóbrio outra vez (NOLL, 1999, p. 109-110).

O protagonista desta obra é um escritor que está trabalhando em um romance, mas não consegue terminá-lo, até que após o circuito Porto Alegre/Nova York/Boston/Nova York/Rio de Janeiro/Porto Alegre, já de volta ao seu país, a tarefa é consumada. O retorno às suas fontes identitárias foi necessário para que o personagem pudesse retomar a sua tarefa de escrita.

Seguiram-se as leituras de outros romances, mas permaneceu a intriga quanto ao sujeito ficcional sem nome e “em trânsito”<sup>4</sup>. Curiosamente, a experiência de deslocamento figurou, mais tarde, no romance, *Berkeley em Bellagio*, pois, com o retorno a Porto Alegre,

---

<sup>4</sup> Expressão utilizada por João Gilberto Noll. Cf. Revista Leia. Seção “A vida dos livros”. N. 123. Janeiro de 1989. Faz-se necessário esclarecer que a palavra do escritor, via entrevistas e depoimentos, é utilizada neste trabalho não como um suporte para a análise literária, dado que o discurso do autor não legitima o discurso ficcional.

sua cidade natal, ele “termina por se reconciliar com sua história e geografia”<sup>5</sup> e, deste modo, lhe é possível retomar a escrita de um romance que havia iniciado na Itália.

As palavras de Noll revelam um elemento importante para a questão: “Esse homem que perpassa toda a minha ficção, embora não tenha continuidade *ipsis litteris*, esse homem é uma coisa em cada ficção, mas é sempre o mesmo personagem”<sup>6</sup> – e, embora o autor lhe atribua algumas características reconhecíveis, outras ele mantém em suspenso: “Procuro não pecar por excesso na composição das minhas imagens romanescas. Não reconheceria, por exemplo, a fisionomia de um personagem meu, sobretudo do protagonista (que é sempre o mesmo, graças a Deus!) se o visse na rua”<sup>7</sup>.

Início aqui por nomear e direcionar a experiência de leitura a ser enfocada nesta dissertação, o romance *Berkeley em Bellagio*<sup>8</sup> de João Gilberto Noll, porque são essas duas particularidades que se constituíram em motivação primeira para a elaboração da mesma. Já a partir do título, nomeiam-se cidades, lugares geográficos. Portanto, neste romance, Noll apresenta, de antemão, uma direção, um plano para o trânsito do seu personagem. A geografia será tomada como um dos pontos de partida para uma análise a ser tecida em torno a essas cidades, localizadas em continentes diferentes do hemisfério norte (o americano e o europeu) que, como o título indica, parece terem algo em comum. Destaca-se o elemento que as une, a preposição “em”, para indicar uma relação peculiar entre elas, e que leva ao questionamento: uma cidade estaria presente na outra<sup>9</sup>?

Tal estranheza pela relação assim determinada acentua-se quando se torna possível outra leitura de “Berkeley”, que passa, também, a designar um sujeito: “Eu era Berkeley em Bellagio, o bispo e o filósofo irlandês em retiro pisando em folhas secas [...]” (NOLL, 2002, p. 6). O nome “Berkeley”, assim, transita da geografia para um intelectual/filósofo, provocando uma segunda ambigüidade que oferece a possibilidade de ser compreendida,

<sup>5</sup> NOLL, João Gilberto. *O escritor gaúcho João Gilberto Noll lança um romance inspirado em sua experiência como estrangeiro – João Gilberto Noll: o autor gaúcho faz em Berkeley em Bellagio uma guinada em sua consagrada carreira literária*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 02/11/2002. Entrevista concedida a Cláudia Nina.

<sup>6</sup> NOLL, João Gilberto. *S/ título*. Brasília: Correio Brasiliense, 10/11/2002. Disponível em: Seção “Depoimentos” <[www.joao gilbertonoll.com.br](http://www.joao gilbertonoll.com.br)>. Acesso em 10/01/2007.

<sup>7</sup> NOLL, João Gilberto. *O avesso do conhecimento*. In: CHIODETTO, 2002, p. 104.

<sup>8</sup> NOLL, João Gilberto. *Berkeley em Bellagio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

<sup>9</sup> Acredito que mereça ser destacado um jogo fonético não só na coincidência de que ambos os nomes iniciam-se pela letra B (valendo-se da aliteração), mas também que, ao pronunciá-los (transcrevendo-os foneticamente tem-se /'bærkli/ e /be'lad□io/), percebe-se o contraste da aspereza do conglomerado de consoantes do vocábulo inglês “Berkeley” (no qual o segundo “e” não é pronunciado e o terceiro se perde na confluência com o “y”). Em contraponto, há uma riqueza de vogais no italiano de “Bellagio” (todas elas são pronunciadas, sendo que o “a” é mais longo) e há a possibilidade de se esticar, enquanto se tenha fôlego, os sons do “l” e do “g”, constituindo-se assim em uma palavra mais cálida e sonora.

também, como o sujeito personagem/narrador “em” um lugar. Uma outra situação incomum no conjunto da ficção de Noll é a de que, nesta obra, o personagem recebe um nome. No entanto, esse nome não é pronunciado ou anunciado por ele próprio, mas aparece impresso em um cartão na porta de seu quarto, em *Bellagio*. E esse nome é “Joao”...

A semelhança com o nome do autor indica, juntamente com outros elementos, a serem discutidos, fortes indícios de uma possível relação personagem/narrador/autor, complementada pela declaração do autor de que “[...] Os dados biográficos de *Berkeley em Bellagio* estão mais do que nunca presentes neste livro e vêm antes de tudo de o que a geografia pode dar.”<sup>10</sup>. Esta possibilidade será tratada na segunda seção do trabalho, intitulada “Leituras de si”, com embasamento nos conceitos expressos por Philippe Lejeune, no ensaio *O pacto autobiográfico*<sup>11</sup>.

A relevância do trânsito entre os dois lugares geográficos mencionados é explicitada, pelo próprio Noll, em sua preocupação com os efeitos procurados para sua criação:

[...] para quem ama o dom da visão, a geografia é tremendamente pródiga para a criação. Não são, portanto, os fatos vividos que eu retrato com mais empenho. São essas paisagens estrangeiras que nos dão a graça da transfiguração do mundo e não a observância estrita de uma cor local já desgastada pela nossa desatenção rotineira<sup>12</sup>.

A busca, nessas “paisagens estrangeiras”, de “a graça da transfiguração do mundo”, de um novo enfoque para sua narrativa, permitiria estabelecer uma relação com o que Ítalo Calvino diz, em *As cidades invisíveis*, ao descrever Tamara como aquela cidade que não se deixa perceber senão por aquilo que os seus símbolos indicam: “O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes” (CALVINO, 2004, p.18). E também com as idéias de Ángel Rama, para quem, em toda cidade, “há um labirinto das ruas

---

<sup>10</sup> NOLL, João Gilberto. *O escritor gaúcho João Gilberto Noll lança um romance inspirado em sua experiência como estrangeiro – João Gilberto Noll: o autor gaúcho faz em Berkeley em Bellagio uma guinada em sua consagrada carreira literária*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 02/11/2002. Entrevista concedida a Cláudia Nina.

<sup>11</sup> LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha. 22 p. Original. Cf. LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico - de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Organizadora: Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

<sup>12</sup> NOLL, João Gilberto. *O escritor gaúcho João Gilberto Noll lança um romance inspirado em sua experiência como estrangeiro – João Gilberto Noll: o autor gaúcho faz em Berkeley em Bellagio uma guinada em sua consagrada carreira literária*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 02/11/2002. Entrevista concedida a Cláudia Nina.

que só a aventura pessoal pode penetrar e um labirinto dos signos que só a inteligência racionante pode decifrar, encontrando sua ordem” (RAMA, 1985, p.53).

A pesquisa sobre o efeito de estranhamento provocado pela preposição “em”, no título (que indica a presença de um lugar em outro), trouxe-me as informações: na cidade de Berkeley, há um *campus* da Universidade da Califórnia; e que, em Bellagio, a Fundação Rockefeller implantou, na Itália, um centro de “formação” de escritores, numa antiga construção chamada *Villa Solti*. Portanto, os lugares percorridos pelo personagem na narrativa são aqueles em que estabeleceram-se instituições hegemônicas com a marca da academia dos Estados Unidos. Poderia ser inferido, a partir desses dados, que, neste romance, Noll manifesta-se, de forma crítica, sobre o conflito cânone/periferia, em relação ao trabalho intelectual produzido na América Latina e, conseqüentemente, à recepção deste nos grandes centros do saber.

Quanto ao desvio do nome “Berkeley”, como cidade, para o termo “filósofo” – uma das primeiras acepções para “intelectual”<sup>13</sup> poderia ser aplicada ao escritor crítico latino-americano. Parece importante, neste momento, destacar que Noll foi a Berkeley, e posteriormente a Bellagio, a trabalho, patrocinado por instituições “fortes” não só financeiramente como também no sentido de que o posicionam, marcam o lugar a partir de onde fala.<sup>14</sup>

Os resultados desta pesquisa sobre as relações cânone/periferia levaram às questões abordadas por Walter Mignolo em *Decires fuera de lugar*<sup>15</sup>, e mais recentemente, às idéias apresentadas em *Planetas sem boca*<sup>16</sup>, de Hugo Achugar, e serão desenvolvidas na terceira seção do trabalho, intitulada “Do intelectual latino-americano: lugares e saberes”. A partir do termo “intelectual” (seu histórico e mudanças de significação), chegar-se-á ao papel dos intelectuais e à tradição dos latino-americanos forçados ao “emprego que concede com o que viver, de ordenado sem folga” (DRUMMOND, 2002), como afirma Drummond, em *Passeios na ilha*, e que também necessitam do suporte das instituições que detêm o poder para fazer ouvir sua voz.

---

<sup>13</sup> Segundo Julien Benda, o intelectual seria *aquele superdotado rei filósofo, espécie de consciência da humanidade* (Cf. BENDA, Julien, 1980, *apud* VOLPE, 2005, p.70). Tal posicionamento será discutido na seção 1.

<sup>14</sup> “Posicionar”, neste caso, poderia ser considerado como a orientação do pensamento via instituição à qual ele está vinculado.

<sup>15</sup> MIGNOLO, Walter. *Decires fuera de lugar: sujetos dicentes, roles sociales y formas de inscripción*. Revista de Crítica Literaria Latinoamericana. Lima/Berkeley, n. 41, p. 9-31, 1995.

<sup>16</sup> ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca – Escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

Para a discussão desses aspectos, além dos autores acima mencionados, serão utilizados os conceitos expressos em *Latinoamérica y sus nuevos cartógrafos*, de Román de la Campa – que aponta para as limitações, principalmente econômicas, que pesam sobre a intelectualidade latino-americana, para poder exercer a escritura e as críticas literária e cultural. Serão consideradas também as noções presentes na obra organizada pelos críticos brasileiros Izabel Margato e Renato Cordeiro Gomes, *O papel do intelectual hoje*<sup>17</sup> e as de Edward Said – incluídas em *Representações do intelectual*<sup>18</sup> – que, como intelectual estrangeiro radicado nos Estados Unidos, considera que o papel do intelectual deveria ser o de um *outsider*.

Angel Rama, em *A cidade das letras*<sup>19</sup>, manifesta-se sobre o papel mediador das letras latino-americanas com o poder hegemônico, principalmente no que diz respeito à criação das identidades nacionais. Já seus posicionamentos em um trabalho posterior, *La riesgosa situación del escritor exiliado*<sup>20</sup>, apresentam os efeitos dos deslocamentos a que os indivíduos ficam submetidos no mundo contemporâneo, que fazem com que eles cheguem a cenários com os quais não têm uma história em comum e que contemplam como universos alheios, com dificuldades em poder recuperar o passado e as tradições que sustentem sua identidade. Essa obra, junto à de Jean Franco, *The decline & fall of the lettered city*<sup>21</sup> – que atualiza as propostas de Rama para o mundo contemporâneo – auxiliarão no desenvolvimento desta temática.

Na quarta seção, intitulada “*Berkeley em Bellagio: insílio, exílio e desexílio*”, empreender-se-á uma aproximação maior do romance, ao considerar a situação em que o personagem se encontra – a de exilado. Suas vivências no exílio e as possibilidades de inserção em outras culturas e de retorno ao país de origem constituem uma questão problemática no que diz respeito à sua identidade, e à percepção de si mesmo.

Para fundamentar teoricamente essa possibilidade de leitura será feita uma análise das questões críticas levantadas a partir das elaborações de Miriam Volpe em *Geografias de exílio*<sup>22</sup> sobre a situação do intelectual latino-americano exilado em seu próprio país (insilado), por estar privado de seus direitos de ganhar seu sustento a partir de sua escrita;

---

<sup>17</sup> GOMES, Renato Cordeiro; MARGATO, Izabel (org.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

<sup>18</sup> SAID, Edward. *Representações do intelectual*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>19</sup> RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>20</sup> RAMA, Angel. *La riesgosa navegación del escritor exiliado*. Montevideo, Uruguay: Arca, 1998.

<sup>21</sup> FRANCO, Jean. *The decline & fall of the lettered city – Latin America in the Cold War*. Cambridge, Massachusetts, and London, England: Harvard University Press, 2002.

<sup>22</sup> VOLPE, Miriam. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

sobre o seu lugar de enunciação no mundo contemporâneo da globalização e a relevância da necessidade de trânsito (exílio) e as conseqüências desse exílio permanente em sua criação; como também sobre o sempre presente desejo de se querer voltar a seu lugar de origem (*desexílio*).

Afora a acepção geográfica, há também um modo de entender o exílio como uma condição mental, que envolve o sentimento de estar “fora de lugar”, de estar num lugar que não é próprio. Para discorrer sobre a condição ambígua do estrangeiro (que envolve o sentimento de insílio, ou exílio interior – ser estrangeiro em sua própria terra) vivida pelo personagem no Brasil e no exterior, serão contempladas as idéias de Miriam Volpe acerca da obra de Paul Ilie, *Literature and inner exile*. Para Volpe, Ilie é um autor que considera “o componente de mudança geográfica [...] como secundário ao que ele entende ser uma condição mental, um estado de ânimo, uma atitude” (VOLPE, 2005, P.80). Este novo olhar sobre a condição exílica levou à leitura e análise das idéias de Julia Kristeva, contidas em *Estrangeiros para nós mesmos*<sup>23</sup>.

Miriam Volpe acrescenta uma dimensão para o exílio relacionada à escrita literária:

A condição fundamental da literatura, a condição autêntica de qualquer escritor seria uma forma de exílio, de ruptura, de auto-proscrição. Enquanto a crisálida da criação se libera dentro do artista, ele já estaria no limiar do exílio. O exílio estaria dentro dele antes de lhe ser imposto e passaria a revelar-se logo que começa sua migração e se estende sua busca (VOLPE, 2005, p. 149).

Nesse sentido, segundo a autora, para o escritor,

[...] parece haver uma única maneira de se viver: como um estrangeiro, como estrangeiro em casa, ou como em casa de estrangeiros pois a “estrangeiridade” se transformou na única casa possível. Uma casa que parece ser aquela predestinada para o criador, pois o exílio não faz mais do que acrescentar mais uma dimensão, ou um avatar, ao que já seria seu estado natural e exclusivo (VOLPE, 2005, p. 149).

A obra do João Gilberto Noll, inserida na nova geração de autores brasileiros, recebeu o respeito da crítica literária e despertou amplo interesse do público leitor, acredito que principalmente pelo seu modo particular e intenso de abordar, através das vivências de seus personagens – construídos pela linguagem –, as perdas de certezas às que o íntimo do homem do fragmentado mundo contemporâneo está submetido. Os aspectos escolhidos, em

---

<sup>23</sup> KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

*Berkeley em Bellagio*, para elaborar esta dissertação permitem apresentar um recorte plausível e diferente de decodificação do romance, ao concentrar-se na problemática do indivíduo/escritor latino-americano no que se refere ao seu lugar de enunciação e à sua identidade.



## 2 LEITURAS DE SI

[...] ganhar a palavra da literatura é uma pedreira que nem eu sei como contar. Manter a ética dentro do cenário estético é uma das funções poéticas mais difíceis, quase sacrificial. Ou seja, manter-se caninamente fiel a si mesmo, à sua visão de mundo, e dar a isso uma coerência através da linguagem é como pescar no deserto a pepita impossível, no entanto muito exata ou muito próxima de... [*sic.*] Amo viver em Porto Alegre porque ela me proporciona uma ascese que só a literatura sabe povoar.

*João Gilberto Noll*

A partir desta epígrafe, em que o autor ressalta a dificuldade de manter uma coerência em relação a si mesmo através da linguagem própria da criação literária ficcional, e das reflexões e indagações que ela pode provocar, apresentarei, nesta seção, alguns aspectos da biografia<sup>24</sup> de João Gilberto Noll. Este autor, ao fazer a escolha pelo trabalho da escrita, em detrimento de outras profissões, empreendeu percursos que viriam a ser representados no romance em questão, *Berkeley em Bellagio*. Isso levaria aos questionamentos: poderia ser estabelecida uma relação entre o autor e o seu personagem? Seria possível uma leitura de *Berkeley em Bellagio* como relato ficcional das peripécias de Noll como intelectual/escritor latino-americano? As palavras do escritor, em entrevistas e depoimentos, a respeito do seu romance, poderiam ser utilizadas para se interpretar *Berkeley em Bellagio* como expressão de uma escrita de si, autobiográfica?

### 2.1 A biografia

João Gilberto Noll nasceu em Porto Alegre, em 15/04/1946. Foi “funcionário/escritor”<sup>25</sup> no período entre 1969 e 1980: ao interromper o curso de Letras, iniciado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mudou-se para o Rio de Janeiro,

---

<sup>24</sup> Para cronologia do autor, vide anexo 1.

<sup>25</sup> Um dos temas abordados por Carlos Drummond de Andrade, em *Passeios na ilha*, é o de escritores brasileiros que encontraram, no funcionalismo, “o ordenado sem folga” com que viver.

onde trabalhou como jornalista nos periódicos *Folha da Manhã* e *Última Hora*. Posteriormente transferiu-se para São Paulo, onde trabalhou como revisor na Companhia Editora Nacional. Voltou ao Rio de Janeiro e ao *Última Hora*, escrevendo sobre literatura, teatro e música. Retomou também o curso de Letras e trabalhou como professor do curso de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em 1980, publicou seu primeiro livro de contos, bastante premiado, *O cego e a dançarina*<sup>26</sup>.

Teve, então, o intuito de se dedicar exclusivamente à produção literária, o que o levou a procurar bolsas de apoio financeiro e inclusive deslocamentos para empregos no exterior.

Toda a minha desenraização tem só um quê de romântico, nada mais do que um simples quê. O fato de ter vivido num hotel e de escrever à mão, tudo isso que poderia à primeira vista parecer *glamour*, não o é, de fato, mas sim dados de uma condição que vinha de uma opção insana que fiz há uns quinze, vinte anos pela literatura – no sentido de ser um escritor *full-time*, o que me fez viver algum tempo sob tetos alheios, escrever meus livros na casa de veraneio de um irmão em pleno inverno, para poder manter um espaço só meu para criar. Nesse panorama, custei um tanto para me sentir seguro geograficamente para poder conservar comigo uma máquina da estatura de um computador, sem ter de carregá-lo pelas estradas da vida como um saltimbanco ou sem-teto, que de fato fui. Não conto isso para bancar o mártir. Mas foi realmente assim e faria tudo de novo<sup>27</sup>.

Em seu intento de se dedicar exclusivamente à produção literária, seguiram-se, depois, as diversas bolsas que recebeu, como a do *International Writing Program* (IWP), promovida pela Universidade de Iowa, Estados Unidos, em 1982, destinada a qualificar escritores. Naquele momento, Noll já havia publicado o seu segundo livro, o romance *A fúria do corpo*, em 1981<sup>28</sup>. Durante um período de três meses consolidou-se uma proximidade do escritor com a Universidade e com uma comunidade de escritores construída pela instituição. Desse modo, ele dispôs da oportunidade de incorporar-se à vida acadêmica em um país estrangeiro e de tempo para dedicar-se a escrever. *Bandoleiros*, seu terceiro livro, foi publicado em 1985. Neste romance, o personagem principal, escritor, viaja para o estrangeiro,

---

<sup>26</sup> Premiado com “Revelação do ano”, da Associação Paulista de Críticos de Arte, “Ficção do ano”, do Instituto Nacional do Livro e Jabuti na categoria “contos”. O conto *Alguma coisa urgentemente* foi selecionado para fazer parte da coletânea *Os cem melhores contos brasileiros do século*, organizada por Ítalo Moriconi e publicada pela editora Objetiva, em 2001. O mesmo conto inspirou o filme “Nunca fomos tão felizes”, dirigido por Murilo Sales e, lançado em 1983, conquistou o prêmio de melhor filme no Festival de Brasília daquele ano.

<sup>27</sup> NOLL, João Gilberto. *O avesso do conhecimento*. In: CHIODETTO, 2002, p. 104.

<sup>28</sup> Silviano Santiago dedicou um ensaio ao romance *A fúria do corpo*, intitulado *O evangelho segundo João*. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 62-67. O mesmo romance foi levado aos palcos por dois diretores: em 1992, por Maurício Abud, de São Paulo; e a Companhia Studio Stanislawski, também de São Paulo, em 2002, sob a direção de Celina Sodrê, montou um espetáculo baseado no mesmo romance.

mas, apenas com o retorno ao seu país, entende ser possível a conclusão do seu romance, conforme comentado anteriormente.

No Brasil, foi contemplado com a bolsa de Artes da Fundação *Vitae* para escritor, em 1988, por um período de seis meses, que lhe permitiu, a exemplo do que havia feito quando escreveu *Rastros do verão*, isolar-se na praia de Pinhal, no litoral gaúcho, experiência tal que resultou na publicação do romance *Hotel Atlântico*, em 1989.

Após a publicação de outros dois romances, *O quieto animal da esquina*, em 1991, e *Harmada*, em 1993, Noll trabalhou, em 1994, junto a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, coordenando oficinas literárias. Dois anos depois, passou um mês na Universidade da Califórnia, campus de Berkeley, nos Estados Unidos, como escritor-visitante. Ainda em 1996, Noll publicou *A céu aberto*.

Nos anos seguintes, entre 1996 e 1998, foi convidado para lecionar literatura brasileira contemporânea na mesma instituição, desta vez como professor-visitante.

Em 1997, a editora Companhia das Letras organizou o volume *Romances e contos reunidos*. Já de volta ao Brasil, o escritor publicou, no período entre agosto de 1998 e dezembro de 2001, as micro-narrativas da coluna *Relâmpagos*<sup>29</sup> na Folha de S. Paulo, que foram reunidas, em 2003, na obra *Mínimos, múltiplos, comuns*<sup>30</sup>.

A Fundação Guggenheim (John Simon Guggenheim Memorial Foundation, da Filadélfia, Estados Unidos, destinada a fomentar pesquisas nas áreas de ciências sociais, ciências naturais, humanidades e artes) em 1999 contemplou João Gilberto Noll com uma bolsa. Foi também em 1999 que publicou o seu *best-seller*, *Canoas e marolas*.

Durante 2002, permaneceu, pela Fundação Rockefeller, por uma curta temporada em Bellagio, para se dedicar a um trabalho literário em desenvolvimento. A estadia veio a complementar o romance que, à época, o autor já havia esboçado e estava em processo de construção, *Berkeley em Bellagio*. Este romance só veio a ser concluído quando do seu retorno ao Brasil.

Em sua produção romanesca, João Gilberto Noll vem reiterando aspectos que passaram a ser reconhecidos como marcas de sua literatura – o personagem único, o trânsito, a casualidade das relações afetivas, por exemplo – que acabam por firmar o que o autor poderia chamar “coerência”, na epígrafe desta seção, retirada de uma entrevista cedida por Noll no ano de 2002. Ano em que, justo quando afirma estar próximo dessa coerência – que pode ser

---

<sup>29</sup> Para a publicação, Noll teria que escrever, três vezes por semana, um texto com, no máximo, 130 palavras.

<sup>30</sup> Segundo lugar na categoria “contos” do Prêmio Jabuti (que também o contemplou com o prêmio por melhor capa) e por melhor ficção, pela Academia Brasileira de Letras.

também compreendida como o reconhecimento da sua palavra, da sua voz, como escritor –, Noll publica *Berkeley em Bellagio*.

## 2.2 o jogo: pessoa sob *persona*

O meu nome não. Vivo nas ruas de um tempo onde dar o nome é fornecer suspeita. A quem? Não me queira ingênuo: nome de ninguém não. Me chame como quiser, fui consagrado a João Evangelista, não que o meu nome seja João, absolutamente, não sei de quando nasci, nada, mas se quiser o meu nome busque na lembrança o que de mais instável lhe ocorrer. O meu nome hoje poderá não me reconhecer amanhã. Não soldo portanto à minha cara um nome preciso.

*João Gilberto Noll*

As frases negativas são recorrentes no início das narrativas de Noll. No trecho colocado na epígrafe, que é o início de *A fúria do corpo*, já é sinalizada a negação do nome – e da identidade – assim como de uma história, de um registro anterior (seu passado), no espaço urbano da metrópole – no caso, a cidade do Rio de Janeiro. O personagem nega as possíveis referências de si e apresenta-se em uma situação instável, em seu devir pelas condições do seu tempo e do lugar de onde provém.

Esta situação, própria da pós-modernidade, é analisada por David Harvey<sup>31</sup>, para quem as noções de tempo e espaço sofreram profundas alterações no séc. XX, com a espacialização do tempo<sup>32</sup> e a aniquilação do espaço por meio do tempo<sup>33</sup>, o que “tem tido um impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural” (HARVEY, 1993, p. 257). Sendo assim, a sociedade atual – movida pelo consumo e pela cultura massiva –, encontra-se marcada pelo efêmero (modas, produtos, idéias), o que “significa também ser

---

<sup>31</sup> HARVEY, David. A condição pós-moderna – *uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

<sup>32</sup> Para compreender essa manobra, pode-se considerar o exemplo do modelo fordista que, ao modificar espacialmente a linha de produção, faz com que haja uma aceleração do processo e um aumento no número de itens produzidos em um período de tempo menor.

<sup>33</sup> Tal fato remete ao que poderia ser aquilo que comumente chamamos de encurtamento de distâncias, que se poderia traduzir como uma superposição de tempos e espaços. Exemplos são a propagação de uma notícia em escala mundial em um curto período de tempo; ou um sinal de rádio ou televisão que alcança a esfera mundial. Além disso, uma ligação telefônica, por exemplo, pode unir os espaços e tempos privado e público.

capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser” (HARVEY, 1993, p. 258).

Noll retrata, portanto, um sujeito numa situação universalmente reconhecida pelo leitor contemporâneo, representado por meio da linguagem ficcional, numa condição de não identificação ou não pertencimento. Biagio D’Angelo, ao analisar as crônicas de Lobo Antunes, assim justifica a posição autor/personagem:

[...] evidencia-se com força a interpenetração da faceta privada e da pública do escritor. [Ele] inventa, nas crônicas, um personagem em que se misturam, por um lado, um eu narrador bastante próximo da biografia pessoal do autor empírico, e, por outro, uma “voz” que observa a realidade e, ao mesmo tempo, inventa uma proposta ficcional em que se denunciam “publicamente” sombras e contradições da “ordem natural das coisas”. Então, a circunstância observada e inventada pode necessitar de uma voz feminina ou da voz de uma criança ou de um idoso; mas também pode se revelar como um momento em que a voz poética precise *de outro corpo, mascarando o próprio*, isto é, precise da recolocação de experiências pessoais<sup>34</sup>.

Noll, em uma entrevista, propõe uma aproximação do romance com o biográfico:

[esse romance] de biografia tem o seguinte. Entre 96 e 98 dei uns cursos de literatura brasileira contemporânea em Berkeley. Depois, no início deste ano passei um mês e pouco como convidado para me concentrar em algum trabalho que estivesse fazendo em Bellagio, que fica ao norte da Itália, perto dos Alpes. Não imaginei, porque esse romance já estava em andamento, não imaginei que Bellagio fosse entrar pelo meu romance adentro. Não é pouco comum nas coisas que fabrico, porque estou muito aberto ao momento, às coisas que estão acontecendo<sup>35</sup>.

A estadia em Bellagio, que entra “romance adentro”, se relaciona a outras afirmações de Noll: “minha existência move minha ficção”<sup>36</sup>; “70% do que ele [o romance] contém de história realmente não tive”<sup>37</sup>, mas a “quisera ter vivido”<sup>38</sup>. Essas declarações de Noll aproximam-se do que Luiz Costa Lima, em “Sociedade e discurso ficcional”, afirma a respeito das fronteiras que separam o gênero ficcional da possibilidade do autobiográfico:

---

<sup>34</sup> D’ANGELO, Biagio. *Figurações literárias do intelectual no pós-colonialismo* (O Segundo Livro de Crônicas, de António Lobo Antunes). Questões e práticas. In: Simpósio Internacional do Programa de Pós-graduação em Letras – Literatura, Crítica, Cultura III: Interfaces, 29/05/2009, Juiz de Fora-MG. Original ainda inédito, p.6.

<sup>35</sup> NOLL, João Gilberto. S/ Título. Brasília: Correio Brasiliense, 10/11/2002. Disponível em: Seção “Depoimentos” <[www.joaogilbertonoll.com.br](http://www.joaogilbertonoll.com.br)> Acesso em 10/01/2007.

<sup>36</sup> *Idem.*

<sup>37</sup> *Idem.*

<sup>38</sup> *Idem.*

Não é preciso insistir não serem estas fronteiras absolutas; que filões ficcionais trabalham na idéia que nos fazemos de nós mesmos; que imagens ficcionais se naturalizam em nossa vivência do cotidiano e que, em troca, experiências cotidianas se metamorfoseiam em manifestações ficcionais. Essa flexibilidade, contudo, não torna ficção e autobiografia espécies discursivas indistintas. Elas se separam pelo papel que, respectivamente, concedem ao eu. Se, na primeira, o eu empírico do escritor é um suporte da invenção, na segunda é a fonte de experiências que tentará transmitir (LIMA, 1986, p.300).

Questões relacionadas ao “papel do eu” no romance, e também à probabilidade da presença de um eu empírico sob um eu ficcional em *Berkeley em Bellagio* serão discutidas a seguir. Tal discussão estará baseada no estudo de Philippe Lejeune, “O pacto autobiográfico”<sup>39</sup>.

### 2.3 o pacto

Philippe Lejeune apresenta algumas questões que orientam a identificação e a definição de autobiografia, por oposição à biografia e ao romance, dentre outros gêneros com os quais a narrativa contemporânea se confunde, como as memórias, ou o diário, por exemplo.

Um primeiro esclarecimento de Lejeune trata sobre a possibilidade de identidade entre autor, narrador e personagem em uma narrativa construída tanto em primeira quanto em terceira pessoa, sendo que o segundo caso pode admitir “intromissões do narrador em primeira pessoa”<sup>40</sup>.

*Berkeley em Bellagio* se constrói ora em primeira ora em terceira pessoa. As falas das personagens aparecem ora com verbos que indicam o diálogo, ora com aspas, ora em discurso indireto. Não parece haver um critério objetivo para a mudança da primeira para a terceira pessoa da narrativa.

A mudança de foco narrativo é associada pelo escritor João Gilberto Noll a uma tentativa dele próprio de se “divorciar desse homem”<sup>41</sup>, ou seja, do seu personagem de ficção. Se for considerado o seu personagem – como afirma o autor e já comentado neste trabalho –

---

<sup>39</sup> LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha. 22 p. Original. Cf. LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico - de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Organizadora: Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

<sup>40</sup> *Idem*.

<sup>41</sup> NOLL, João Gilberto. S/ Título. Brasília: Correio Brasiliense, 10/11/2002. Disponível em: Seção “Depoimentos” <[www.joaoilbertonoll.com.br](http://www.joaoilbertonoll.com.br)> Acesso em 10/01/2007.

um único sujeito que perpassa os seus romances, uma leitura possível desse “divórcio” seria a inclusão, com as mudanças de foco narrativo, de uma nova perspectiva do olhar, que indica, com o uso da terceira pessoa, uma perspectiva exterior a ele, que não diz respeito à dele próprio, mas às impressões de um narrador ficcional.

Mas se considerarmos *Berkeley em Bellagio* como um romance que apresenta traços explícitos de vivências do escritor João Gilberto Noll, então o uso da terceira pessoa seria um disfarce para a presença de traços biográficos no romance, para reforçar a idéia de que se trata de ficção, e que o autor se mascara na figura do narrador.

Ainda em relação ao modo pelo qual o romance é construído, e se de fato há uma aposta da presença de traços autobiográficos em *Berkeley em Bellagio*, pode-se ressaltar que o parágrafo único que compõe o livro poderia sugerir um tom confessional do autor. Para o autor:

[*Berkeley em Bellagio*] é uma torrente de linguagem. O livro tem um único parágrafo, de fio a pavio, é sôfrego. Mas sua paixão, seguindo o meu momento, é agora mais cadenciada, mais animada com a preparação das vésperas do que com a efusão do grande dia incerto<sup>42</sup>.

Nesta citação, Noll parece reforçar que a sua vida interfere na sua ficção, e, o que ele chama “preparação das vésperas”, em oposição à “efusão”, ao extravasamento, relaciona-se ao “eu” e ao caráter intimista do personagem do romance que, devido à condição de duplo<sup>43</sup>, observa muito mais o seu próprio íntimo, para tentar compreender a si e a situação em que se encontra, para, por fim, relacionar-se, ainda que de forma forçosa, como se percebe no trecho a seguir:

Ouvia o burburinho, parava no degrau, apertava a balaustrada e respirava fundo para não recuar. Ouvia o burburinho e preenchia o pensamento com bobas sentenças que lhe sedavam o íntimo um pouquinho: se eu fosse o homem transparente daquele filme, daquele antigo cujo nome esqueci, não precisaria suar tanto de vaga apreensão ao me encaminhar não só para as noites, mas também os *breakfasts*, os *lunchs*, para qualquer encontro com os colegas do palácio (NOLL, 2002, p.24).

---

<sup>42</sup> NOLL, João Gilberto. *O escritor gaúcho João Gilberto Noll lança um romance inspirado em sua experiência como estrangeiro – João Gilberto Noll: o autor gaúcho faz em Berkeley em Bellagio uma guinada em sua consagrada carreira literária*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 02/11/2002. Entrevista concedida a Cláudia Nina.

<sup>43</sup> O conceito de “duplo” é tratado por Sigmund Freud no texto “Lo siniestro” (a versão para o português do título é “O estranho”), cujo trecho reproduzo a seguir: “[...] desdoblamiento del yo, partición del yo, sustitución del yo [...]” FREUD, Sigmund. Lo siniestro. In: *Obras completas*. Tomo III. 4ª ed. Trad. Luis Lopez Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva Madrid, 1981, p. 2493.

O duplo (ou “o outro eu”<sup>44</sup>) é analisado por Freud como um dos temas que evoca o efeito de estranhamento, o efeito do “estranho”. Para ele, uma das maneiras de compreender o duplo seria a representação da consciência individual, ou a capacidade de auto-observação e de autocrítica de um sujeito, um caso em que a autocrítica seria exercida por um “eu” que consegue observar e analisar as situações como se estivesse “fora” delas. Trata-se de um estado mental próprio dos sujeitos<sup>45</sup>.

Sobre a narrativa em primeira pessoa, Lejeune afirma que o uso do pronome “eu” pode implicar em que se entenda: a identificação entre o que está dito e a pessoa que diz (“eu” é aquele que fala), mas também que aquilo que se diz (trata-se de uma enunciação) é uma asserção como outra qualquer, verdadeira ou não.

Afirma também que a primeira pessoa é um papel (como o papel do ator de teatro), pois o “eu” define a pessoa e não a pessoa define o “eu”, e, só havendo pessoa no discurso, não há outro meio de identificá-la senão pela voz que esta assume no discurso. Comenta ainda, partindo da obra de Benveniste, que nenhum pronome remete a um conceito, “mas exerce simplesmente uma função, que consiste em remeter a um nome, ou a uma entidade suscetível de ser designada por um nome” (LEJEUNE, s/d, p.4). E um pouco mais adiante, “[...] esse “eu”, para cada um, remeterá a um nome único que poderá, a qualquer momento, ser enunciado. Todas as identificações (fáceis, difíceis ou indeterminadas) acabam fatalmente convertendo a primeira pessoa em um nome próprio” (LEJEUNE, s/d, p. 6-7).

João Gilberto Noll denomina o sujeito de sua narrativa com um nome que se aproxima de “João”. Retomando uma fala do autor, “E, claro, é João esse personagem, e não podia ser outro. Não apenas porque é meu nome próprio, mas porque João é João, é aquela coisa comum”<sup>46</sup>. Poder-se-ia, assim, presumir que o nome identifica, apresenta: eis o meu nome, este sou eu. No entanto, permanece a ambigüidade: do mesmo modo que, ao utilizar o termo “Berkeley”, o autor permite leituras distintas, ao nomear o seu personagem pode ou não associá-lo a si próprio.

No romance, “Joao” é o nome que, escrito em um cartão, identifica o quarto do personagem na Fundação Americana, em Bellagio. Nome que um músico estrangeiro lê “treinando um til com o dedo pelo ar” (NOLL, 2002, p. 47), e, a repetir “Joao, Joao”,

---

<sup>44</sup> Na tradução para o espanhol, as expressões são *doble* e *otro yo*. (Cf. FREUD, 1981, p. 2493).

<sup>45</sup> Haveria uma patologia quando uma pessoa poderia perceber a sua consciência como algo separado do próprio “eu”, atribuindo-lhe uma forma física ou perceptível, exterior à pessoa. Nesse caso, a percepção do duplo provocaria o efeito estranho sobre o qual Freud trata em seu trabalho.

<sup>46</sup> NOLL, João Gilberto. S/ título. Brasília: Correio Brasiliense, 10/11/2002. Disponível em: Seção “Depoimentos” <[www.joao gilbertonoll.com.br](http://www.joao gilbertonoll.com.br)> Acesso em 10/01/2007.



confessa: “[...] tento aprender teu nome e o repito, repito sem saber ao certo se ele é de fato o mesmo que ouvi da sua boca num dos corredores da ‘Catedral’, você ali, você, meu caro amigo brasileiro, a repetir pela milésima vez para que eu pegasse para sempre: Joao, Joao [...]” (NOLL, 2002, p. 62). Esse nome – “Joao” –, sem o til e o sotaque próprios da língua portuguesa (escrito e pronunciado em inglês, no romance), torna-se inexato, não equivalente ao nome do autor. Tampouco o personagem se apresenta ou pronuncia o seu nome de forma explícita no romance. Dessa forma, “Joao” é o modo como o estrangeiro (o músico, no romance) compreende o nome que é pronunciado para que ele o repita, mas não consta no romance a grafia própria do nome do escritor, João. Portanto, não seria possível estabelecer a relação de identificação de autor e personagem pelo nome. Os nomes se assemelham, mas não são idênticos.

As marcas, tanto da escolha do nome quanto a da diferença entre as ocorrências dele – a presença/ausência do acento –, são ao mesmo tempo referenciais e extratextuais, são especulares, no sentido de que o autor produz um “eu” fundado na imagem, ou uma representação de si mesmo através da linguagem literária. Se João Gilberto Noll fosse ele próprio o seu personagem, por que não o diria? Não se trata, ao classificar a autobiografia, de um “jogo de adivinhação”, para usar as palavras de Lejeune, que declara ser um “pacto autobiográfico” a afirmação da identidade no texto escrito. O escritor, em uma entrevista, fornece algumas informações que se relacionam à discussão; sem que, no entanto, se esclareçam os limites entre o que é relativo à ficção e o que pode ser tomado como intervenção crítica.

[...] o fundamento é realmente biográfico, que é o escritor, que vai dar aula em Berkeley, como aconteceu comigo, e depois passa um tempo lá em Bellagio, só que em cima disso há muita ficção, eu não fiz um livro autobiográfico simplesmente, recriei muito aquela experiência. [...] O que me instiga a escrever realmente é o presente mais imediato, principalmente lugares assim não-familiares, justamente como Berkeley e Bellagio, que não são os lugares nativos meus<sup>47</sup>.

Lejeune afirma que o nome do autor, na capa do livro, é uma indicação extra-textual sobre a qual não há dúvida, pois um autor é uma pessoa real e produtor de um discurso. Para o autor, “A autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) supõe que haja identidade de nome entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala. Esse é um critério muito simples [...]” (LEJEUNE, s/d, p.7).

---

<sup>47</sup> NOLL, João Gilberto. *A literatura é muito perigosa*. Entrevista concedida a Bruno Dorigatti e Miguel Rosário. Disponível em: [http://www.artepolitica.com.br/entrevistas/entrevista\\_noll.htm](http://www.artepolitica.com.br/entrevistas/entrevista_noll.htm). Acesso em 05/06/2007.

O romance de Noll não parece cumprir tal requisito, mas, de certa forma, poder-se-ia supor uma semelhança do personagem com o modelo<sup>48</sup>. Para isso, ainda que se desconsidere a proximidade da grafia do nome de cada um, a coincidência da cidade natal de ambos (Porto Alegre) e as viagens que cada um empreendeu (para Berkeley e para Bellagio), haveria outro elemento do romance a ser ressaltado: o ofício de escritor.

Destaco dois momentos do romance *Berkeley em Bellagio*. No primeiro, o personagem do romance caminha pelo *campus* de Berkeley. Sente-se atraído por uma música, e a segue até descobrir a sua origem.

O pianista era alguém lá nos seus quarenta anos, pouco mais, quem sabe. Tocava algo de Liszt, isso ele [o personagem] sabia porque, mesmo sendo escritor, ouvia mais música do que abria livros; de uns tempos pra cá não queria mais saber de novelas, contos, muito embora os escrevesse. Quando sentia agora a necessidade da palavra, ia direto a algum poema. Para ele, a poesia era o verbo em estado musical, se algum sentido ela expressava este não vinha de outra coisa que não da melodia deslizando pelas entrelinhas feito um veio d'água que mal, mal se percebe (NOLL, 2002, p. 32).

O interessante desse trecho é que o personagem, que é escritor, se refere ao seu trabalho como articulado à música e à poesia. Parece importante destacar algumas palavras de João Gilberto Noll: “estou, cada vez mais, radicalizando na prosa poética. O que faço hoje é um híbrido entre poesia e prosa.”<sup>49</sup>; “Quando escrevo, quero fazer música. Queria mesmo era um palco, aplausos e vaias. Interrompi o canto lírico porque tinha que estudar muito e minha adolescência não permitiu.”<sup>50</sup>; “Tenho a impressão de que escrevo com o desejo de estar fazendo cinema e música, quer dizer: estar escrevendo imagem e música”<sup>51</sup>.

O segundo momento do romance reproduz parte de uma conversa que o personagem tem em Bellagio, com um equatoriano.

Descartar?, só essa gente como os protagonistas da minha ficção que ele já tinha lido quase toda –, homens desadaptados ao circuito social, caminhantes à procura de um lugar onde a sociedade humana não pudesse alcançar. Seres sem cidadania ou qualificação, ele se apressou em dizer. Sim, respondi, é isso mesmo. Todos devem jogar seu jogo até o fim, ele insistia, essa a razão de estarmos aqui. O aperfeiçoamento desse jogo? – ah, a única promessa. Posso conceder, ele se

<sup>48</sup> O modelo, segundo Lejeune, diz respeito àquele “eu” sobre o qual diz um autor em uma biografia.

<sup>49</sup> NOLL, João Gilberto. *Cinema das essências*. Jornal Estado de Minas. Belo Horizonte, 16/01/2003. Disponível em [www.joaogilbertonoll.com.br](http://www.joaogilbertonoll.com.br). Acesso em 07/04/2003. Entrevista concedida a Mariana Peixoto.

<sup>50</sup> NOLL, João Gilberto. *Um autor sem medo de desagradar*. Jornal Estado de Minas. Caderno Espetáculo. Belo Horizonte, 20/05/1999. Entrevista concedida a Mirtes Helena.

<sup>51</sup> Cf. *O hóspede do Hotel Atlântico*. São Paulo, Revista Leia, N. 123, Seção “A vida dos livros”, p. 15, janeiro de 1989.

apressa, que, de certa forma, entrará na roda até esse teu eterno desajustado, como você mesmo diz [...], todos jogam o seu papel e é bom que seja assim. Só o seu protagonista pensa não jogar, coitado, talvez seja o que mais joga, e sem tirar nenhum proveito desse *match*. O que lhe falta é a cidadania afirmativa ou negativa, não importa, é sair desse limbo que afeta só a ele, me acredite, não se engane (NOLL, 2002, p. 40-41).

Os protagonistas a que a citação se refere parecem aproximar-se do que João Gilberto Noll descreve a seguir:

Aprendi a ver meus protagonistas, gente comumente desadaptada, inadequada, como um sintoma de uma geração que viveu na sua mocidade o fenômeno da guerrilha e de outras incisivas alternativas existenciais e políticas. São seres que preferem a contemplação à ação, não se ajustam por isso à administração normal dos dias e das horas, toda voltada à produção e ao lucro<sup>52</sup>.

Além das aproximações estabelecidas entre trechos do romance e declarações de Noll, há ainda, em *Berkeley em Bellagio*, um movimento um tanto quanto instigante. O personagem, à espera do vôo que o levaria de volta ao Brasil, anunciou “[...] vou pra casa que hoje ainda tenho muito o que escrever, preciso aproveitar a minha língua portuguesa que ela voltou pra mim [...]” (NOLL, 2002, p. 81). E o que neste momento se revela, no romance, é um entrelaçamento de narrativas – a de João Gilberto Noll e a que o seu personagem, no romance, escreve em *Bellagio* – ou uma ficção dentro da ficção. Se não fora possível dissociar o que há de biográfico e o que há de ficcional em *Berkeley em Bellagio*, João Gilberto Noll mescla as narrativas produzidas: a dele próprio e a do seu personagem, também escritor, que está trabalhando em um romance. Tal assertiva pode ser comprovada com o trecho a seguir:

[...] penso que logo recomencerei a trabalhar no meu romance, onde eu estava mesmo?, me pergunto, ah, estava ainda no bosque de esquilos bem me lembro agora, reencontrava a mulher brasileira, Maria, na natureza do *campus* da Universidade da Califórnia em Berkeley: não sabíamos exatamente o que fazer, como se tivéssemos esquecido o script, bem assim como agora no meu quarto em Porto Alegre [...] (NOLL, 2002, p. 87-88).

O ponto em que o personagem diz ter interrompido a sua escrita coincide com o início de *Berkeley em Bellagio*. As narrativas se apresentam de fato entrelaçadas, quando não há limites evidentes do que as separam. Tampouco a mudança de voz (da 1ª para a 3ª pessoa)

---

<sup>52</sup> NOLL, João Gilberto. *O escritor gaúcho João Gilberto Noll lança um romance inspirado em sua experiência como estrangeiro – João Gilberto Noll: o autor gaúcho faz em Berkeley em Bellagio uma guinada em sua consagrada carreira literária*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 02/11/2002. Entrevista concedida a Cláudia Nina.

permitiria tal dissociação. A construção narrativa faz com que diferentes papéis sejam assumidos, dada a percepção de diferentes enunciações presentes no romance de Noll, e a tentativa de detecção desses papéis levou à leitura de *Berkeley em Bellagio* via o conceito de *persona*, ou encenação ficcional, elemento da situação ficcional de enunciação<sup>53</sup>. Dessa forma, tal leitura permitiria a consideração de um autor que possui um papel (*persona*) na narrativa que constrói, e não um autor (sujeito empírico), ainda que ele não se dissocie, por completo, da narrativa que produz. A impossibilidade de dissociação das narrativas produzidas no romance *Berkeley em Bellagio* faz com que nos afastemos de uma leitura biográfica, e nos aproximemos da possibilidade do jogo narrativo de enunciação, e não a constatação de uma experiência biográfica narrada.

Para o autor,

A criação, é claro, é um misto de imaginação e memória. A prevalência de uma sobre a outra é o que vai determinar o maior realismo ou não de uma obra. Atingi o equilíbrio entre a vivência e o arsenal simbólico neste livro que estou lançando [*Berkeley em Bellagio*], e isso talvez seja o que se chama muitas vezes de maturidade. Um universo onde a experiência e a transfiguração estão imbuídas do mesmo transtorno vital que faz da arte uma instigação única [...]<sup>54</sup>.

Se *Berkeley em Bellagio* fosse realmente autobiográfico, teria que ser fiel à narrativa das experiências vividas pelo autor nas duas cidades estrangeiras. No entanto, trata-se de ficção. A questão levantada parece definir-se no momento em que o autor admite que se trata de um jogo:

É seguramente meu livro mais pessoal. Não apenas porque ele mostra um escritor gaúcho dando aulas de literatura brasileira na Universidade da Califórnia em Berkeley, e depois escrevendo seu romance numa fundação para escritores em Bellagio, norte da Itália, à beira do lago di Como, inícios dos Alpes, estágios que efetivamente vivi enquanto cidadão e autor; mas principalmente porque pela primeira vez dou um nome para um protagonista, e este nome é João, um homem em certos momentos decididamente autobiográfico, embora continuamente entre um desvelar-se e, na mesma medida, um ocultar-se, travestido com a máscara

---

<sup>53</sup> MINDLIN, Dulce. Persona [Verbetes]. In: *E-dicionário de termos literários*. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/P/persona.htm>. Acesso em 24/08/2009.

<sup>54</sup> NOLL, João Gilberto. *O escritor gaúcho João Gilberto Noll lança um romance inspirado em sua experiência como estrangeiro – João Gilberto Noll: o autor gaúcho faz em Berkeley em Bellagio uma guinada em sua consagrada carreira literária*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 02/11/2002. Entrevista concedida a Cláudia Nina.

ficcional. É um jogo. E a consciência do jogo me alegra, me deixa quase eufórico<sup>55</sup>.

Porém, chama a atenção que Costa Lima considere as imagens produzidas pelos espelhos como evidências da verdade, enquanto as memórias e autobiografias são construídas pela representação, pela linguagem.

[...] memórias e autobiografias são substitutos dos espelhos. Se estes, metálicos e implacáveis, assinalam o desgaste dos traços, o torpor dos olhos, a redondez do ventre, fechamo-nos contra a maldade dos espelhos e procuramos nos rever no que fomos, como se o percurso da antiga paisagem nos capacitasse a nos explicar ante nós mesmos (LIMA, 1986, p. 244).

No romance, o personagem procura respostas, ou as suas verdades, diante do espelho. Um espelho que parece não revelar, mas esconder, ou ainda que revela algo que ele não quer ver, não quer aceitar: que não é mais a mesma pessoa, mas um estrangeiro para si, um alguém que não se reconhece na sua própria imagem, como será comentado posteriormente.

Lejeune admite ser raro o caso de um escritor que renuncia a seu nome, entregando-o a um personagem seu. Para o crítico, trata-se de uma “contradição interna” do romance quando os nomes do personagem e do autor coincidem, mas considera a possibilidade de se “obter efeitos interessantes” diante de tal escolha. Além disso, o leitor poderia pensar que há, naquele romance, um erro. Afirmar:

[...] se a contradição interna fosse voluntariamente escolhida pelo autor, ela jamais resultaria num texto que se leria como uma autobiografia, nem tampouco como um romance, mas num jogo pirandelliano de ambigüidade. Esse jogo, que eu saiba, não é nunca jogado de verdade (LEJEUNE, s/d, p.12-13).

Em *Berkeley em Bellagio*, há, além do jogo ficcional – pacto estabelecido que confunde e desconforta o leitor –, uma atitude crítica por parte do autor, que expressa sua preocupação para com o seu papel como intelectual/escritor latino-americano, o que será discutido a seguir.

---

<sup>55</sup> João Gilberto NOLL, *Morando de novo no Brasil, o escritor gaúcho João Gilberto Noll lança Berkeley em Bellagio, sua obra mais ousada*. Jornal Estado de Minas. Caderno Cultura. P.4. Belo Horizonte, 18/11/2002. Entrevista concedida a Carlos Herculano Lopes.

### 3 DO INTELLECTUAL LATINO-AMERICANO: LUGARES E SABERES

O intelectual apresentado por Noll, no romance, parece ser aquele que se vale da mobilidade e da visibilidade proporcionadas pelo vínculo com instituições estrangeiras para alavancar-se profissionalmente, ou para conseguir espaço para trabalhar, criar, ser ouvido.

Julia Kristeva, em *Estrangeiros para nós mesmos*, afirma que o trabalho, para o estrangeiro, seria um bem único que ele consegue carregar consigo: “como se fosse ele a terra eleita, a única fonte de sucesso possível e, sobretudo, a qualidade pessoal inalterável, intransferível, mas transportável para além das fronteiras e das propriedades” (KRISTEVA, 1994, p.25).

Segundo Angel Rama, “sua eficiência [a do poder dos intelectuais], sua realização só se alcança se o centro do poder real da sociedade o apóia, lhe dá força e o impõe” (RAMA, 1985, p.48). Diante destas concepções teóricas, parece importante destacar como é apresentado o personagem de *Berkeley em Bellagio*:

[...] um bom *signore*, geralmente sem ter onde cair morto em sua própria terra, mas hoje um escritor famoso a receber convites do mecenato internacional, mormente o norte-americano, é claro; mesmo que pudesse contar fora dos muros do palácio com a efusão latina, prima de seu país de origem, ali estava ele, acorrentado àqueles *scholars* americanos em sua maioria e, no mais, no momento, à chilena da ONU, a uma poeta tcheca, três músicos coreanos, um filipino, não muito mais que isso (NOLL, 2002, p. 28).

Embora em romances anteriores, como *Harmada*, *Rastros do verão*, ou *Bandoleiros*, alguns personagens de Noll exercessem atividades intelectuais como atores e escritores, eles eram apresentados, geralmente, como desempregados ou desconectados do mercado de trabalho formal. Em *Berkeley em Bellagio*, o personagem é professor e escritor, está vinculado a instituições estrangeiras poderosas e se encontra nessa situação não por acaso, mas por esforço e mérito próprios. Assim, tornar-se-ia possível uma leitura dessa obra como uma manifestação do autor sobre a condição do intelectual latino-americano, que se destaca por estar interligada às facetas múltiplas, já antecipadas nesta dissertação, do nome “Berkeley”.

### 3.1 o papel do intelectual

Ao retomar a citação do romance, em que o personagem manifesta – “Eu era Berkeley, o célebre filósofo sensualista que acreditava, dizem, que a subsistência das coisas dependeria da qualidade da percepção e não da feitiçaria da linguagem” – pode ser destacado que George Berkeley (1685-1753) não só era filósofo, mas também bispo na Irlanda, de forma que tornar-se-ia possível a associação dos termos “filósofo” e “sacerdote”, inicialmente relacionados à definição de “intelectual”.

O lugar de trabalho do personagem em Bellagio é uma Fundação Americana, que, embora fosse conhecida no tradicional âmbito italiano, como “Villa Solti”, é mencionada, significativamente, como “Catedral”. Poder-se-ia, assim, fazer uma leitura do termo “intelectual” ligado à “instituição” sob o viés do cânone, pois haveria uma dupla ligação com o cânone: a religiosa, com o Bispo e a “Catedral”, e a que se refere ao conhecimento hegemônico, privilegiado, que se constitui em regra ou ponto de vista a ser seguido pelo intelectual latino-americano contemporâneo que nela se refugia e arrisca ser “canonizado”.

Isolado na “Catedral”, sob o controle do Diretor da instituição, apelidado como “Bispo”, o personagem de Noll chega a afirmar sentir-se ele próprio um outro. Isso pode levá-lo a não comprometer-se, não dizer de si, mas dizer sobre aquele em quem se transformou, um ninguém. Esse “outro”, estrangeiro, é aquele que fala através da instituição, é o “outro” que obedece às ordens do Bispo da Fundação:

[...] pensei na minha idade, vi que isso para mim já não dizia nada, nem o nome que me deram na pia batismal lembrava, se é que em algum dia me deram um nome, um corpo definido, uma imersão no tempo, se é que o tempo ainda não corre para esse ninguém que acabei sendo em meio à Fundação americana (NOLL, 2002, p. 51).

A situação limite a que chega como escritor latino-americano que optou por vincular-se à academia pode ser melhor compreendida através de uma rápida descrição da evolução do papel do intelectual, para chegar às condições que lhe são impostas no mundo contemporâneo.

Historicamente houve várias versões do termo “intelectual”, que a partir da “oposição trabalho manual/trabalho intelectual – passaram pela que o considera como literato,

artista, sacerdote ou filósofo, para chegar àquela que o considera como “aquele que faz uma reflexão sobre o mundo e/ou propõe uma visão ou imagem simbólica do mesmo” (VOLPE, 2005, p. 70). A partir da ocorrência, apontada por Barthes, do surgimento do vocábulo, em 1898, quando do caso Dreyfus<sup>56</sup>, o termo foi dicionarizado no final do século XIX, e passou, no séc. XX, a designar os fundadores da República de Weimar.

Miriam Volpe destaca as idéias de Julien Benda, da obra *A Traição dos Clérigos* ou, em alternativa, *A Traição dos Intelectuais*, de 1927, que assim define o intelectual:

[...] aquele superdotado rei filósofo, espécie de consciência da humanidade que, sem perseguir vantagens materiais, denuncia corrupções, defende os mais fracos, desafia autoridades opressoras e está em luta permanente contra o *status quo*, sem assumir outro compromisso que não seja o dos princípios de justiça e verdade (VOLPE, 2005, p.70).

Para Benda, que defendia a neutralidade partidária dos intelectuais, os clérigos deveriam dedicar-se aos valores considerados eternos, abstratos e universais – da verdade, da justiça e da liberdade.

A autora comenta também a obra de Antonio Gramsci, *Os intelectuais e a organização da cultura*. Gramsci afirma que cada grupo social identifica, como marca de uma continuidade histórica, um grupo preexistente de intelectuais – os “tradicionalistas” – e ao mesmo tempo configura, para si próprio, o que se chamaria “orgânico” – “uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e estão ativamente envolvidos com essa sociedade em mudança contínua, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político” (VOLPE, 2005, p. 70).

De acordo com Edward Said, o termo *clerics*, ou “clérigos”, é atribuído ao intelectual, como “uma distinção na posição social e no desempenho que ele [o termo] sempre contrapõe aos leigos, aquelas pessoas comuns interessadas em vantagens materiais, em promoção pessoal e, se possível, numa relação próxima com os poderes seculares” (SAID, 2005, p. 21).

O intelectual seria, assim, “um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público” (SAID, 2005, p. 25); e também “indivíduos cuja capacidade de pensamento e discernimento os torna adequados para representar o melhor pensamento – a própria cultura – fazendo-o prevalecer” (SAID, 2005, p. 41).

---

<sup>56</sup> E. Said afirma ter sido o caso do oficial judeu Alfred Dreyfus (um ato de injustiça militar, anti-semita, resultou em sua condenação) grande influência nas idéias de J. Benda, que acrescentou, quando da republicação do seu livro, após a Segunda Guerra, ataques aos intelectuais que apoiaram o nazismo.



O modelo de intelectual defendido por Said, o *outsider*, seria um indivíduo que buscaria independência em face de pressões de instituições (academia, igreja, entidade profissional) e até mesmo de seu próprio Estado, “autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder” (SAID, 2005, p. 15). A função do *outsider*, de acordo com Miriam Volpe, seria “a de perturbar o *status quo*, a de questionar os privilégios de classes, raças, gêneros, a de atestar e universalizar as crises, associar sua experiência à de outros e dar maior escopo humano ao sofrimento para que o que acontece em um lugar não se repita em outro” (VOLPE, 2005, p.71).

Uma crítica que pode ser feita ao trabalho de Said – um palestino<sup>57</sup> radicado na academia estadunidense – diz respeito ao fato de ele estar focado no indivíduo e perceber a nacionalidade como algo que compromete o intelectual, algo do qual ele deve se desprender. Ao colocar o foco no indivíduo não considera o sentimento popular, a solidariedade, a lealdade e o nacionalismo aos quais muitos dos intelectuais latino-americanos comprometidos estão vinculados.

### **3.2 O lugar de enunciação do intelectual latino-americano**

Um comentário de Angel Rama pode esclarecer melhor o ponto de vista desta dissertação. Em oposição ao mito do esforço individual, do *self-made man* estadunidense, Rama afirma que “a sociedade urbana latino-americana opera dentro de modelos mais coletivizados, seus mitos opositores do poder passam através da configuração de grupos” (RAMA, 1985, p.82). E que, apesar de o mito do camponês/operário/estudante, mantenedores dos discursos de esquerda, derivar do pensamento europeu, não houve equivalente na sociedade dos Estados Unidos. O crítico uruguaio aponta também para a dificuldade de enfrentar as instituições que se estabeleceram na América Latina, cuja concentração de poder e a discrepância com o restante da sociedade acentuam a pouca capacidade dos indivíduos em vencê-las<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> Edward Said (1935-2003) nasceu em Jerusalém, foi educado no Cairo e em Nova York, EUA, onde lecionou literatura na Universidade de Columbia. Seu livro *Representações do intelectual* foi reunido em conferências proferidas via rede nacional, pela BBC, no ano de 1993.

<sup>58</sup> No Brasil, pode-se destacar a Livraria José Olympio Editora, no Rio de Janeiro, ponto de encontro de escritores.

Além das redações dos jornais e das salas de aula, as editoras foram “o principal reduto dos intelectuais independentes” (RAMA, 1985, p.146). Quanto às mudanças que os intelectuais assimilaram, Rama destaca a incorporação de doutrinas sociais; o autodidatismo, mais bem difundido entre escritores, quando a academia deixa de ser imprescindível para a realização do trabalho intelectual, permitindo uma postura mais assistemática; e o profissionalismo, ou escritores que se dedicam também a alguma profissão, por não conseguirem sobreviver apenas de seus escritos. Ou os que trabalham como escritores, cujos textos literários são feitos por encomenda; quanto a isso, normalmente são restritos o número de páginas e o número de palavras. Noll, como já foi mencionado, trabalhou como professor, jornalista e, no período entre agosto de 1998 e dezembro de 2001, ele publicou as micro-narrativas da coluna intitulada “Relâmpagos”, na Folha de S. Paulo. Para a publicação, o escritor tinha que enviar, três vezes por semana, um texto com, no máximo, 130 palavras. Posteriormente, eles foram reunidos na obra *Mínimos, múltiplos, comuns*, em 2003.

Quando do início de sua carreira como escritor, pode-se notar uma preocupação do autor em termos de geração, que pode ser evidenciada na citação que segue:

No decorrer dos anos 70 eu fiquei trabalhando muito internamente com essas tendências, tentando escrever, tentando ver como dialogar com o que era dominante na época [o romance-reportagem e o depoimento biográfico<sup>59</sup>]. Em um certo sentido, *O cego e a dançarina* é um diálogo com isso mas tentando ultrapassar as pulsões históricas e literárias fortes naquele período. Eu tinha muito o que contar, dentro de toda uma tradição de Trevisan, de Fonseca, dar conta de uma certa crônica sobre uma nova situação, sobre uma nova camada brasileira: os pós-militantes e o quadro político da época, algo como as sobras da refrega<sup>60</sup>.

Como a análise de Angel Rama não abarca a década de 70 em diante, devido à sua morte prematura, sua obra não aborda a reconfiguração dos trabalhos produzidos pelas gerações seguintes, nem a sua inserção em um modelo cultural dito global. Renato Cordeiro Gomes, em *O intelectual e a cidade das letras*<sup>61</sup>, aproxima-se mais do mundo pós-moderno, “esta era de grandes reestruturas geográficas, de poderosíssimas corporações que dominam a

---

<sup>59</sup> A esse respeito cf. SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária – polêmicas, diários & retratos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

<sup>60</sup> NOLL, João Gilberto. *Caminhando pela baía de San Francisco*. Berkeley, Fevereiro de 1998. In: Suplemento Literário de Minas Gerais. Belo Horizonte, Junho de 1998. p. 3-7. Entrevista concedida a Maurício Vasconcelos.

<sup>61</sup> GOMES, Renato Cordeiro. *O intelectual e a cidade das letras*. In: GOMES, Renato Cordeiro; MARGATO, Izabel (org.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

indústria cultural global, da instalação de novas redes de comunicação, de simulacros e manipulação de imagens” (GOMES, 2004, p.120). Esse panorama que se constrói na contemporaneidade se distancia da cena urbana, na qual operava a cidade letrada e contribui para o seu enfraquecimento. Jean Franco, no capítulo intitulado *Cultural Revolutions: Trouble in the City*, apresenta exemplos das mudanças ocorridas, concentrando-se na literatura e em outras manifestações artísticas, em especial a música.

Para Franco, ocorre uma mudança na forma de compreender o intelectual tradicional, já que, em relação aos novos discursos produzidos, é destacada a atuação de economistas e especialistas em administração, e de instituições como as universidades, principalmente particulares, cujos discursos evocam termos como “eficiência” e “transparência”. Quanto ao mercado editorial, este passa a ser tomado por grandes redes de livrarias e de editoras, em detrimento dos pequenos livreiros “amantes dos livros”, o que também acontece com os artistas plásticos, que passam a ser mantidos por curadores especialistas e galerias privadas.

Segundo Franco, a partir da década de 60, a relação que os intelectuais têm com o poder muda, pois perdem influência e prestígio para economistas, educadores e *image makers*. Uma cultura *jovem* mais voltada para um alcance internacional vai substituindo aquela outra da qual falava Rama, voltada para um interesse nacional. Franco assinala ainda que, nessa época, graças ao rádio, a televisão e a indústria musical, não se podia facilmente identificar o que era de fato nacional. O livre fluxo de informações que os Estados Unidos defendiam e também a superioridade tecnológica deste país fazia com que o formato de programas de televisão, o cinema, a música, periódicos como *Readers' Digest* viessem predominantemente do norte para o sul.

Gomes afirma que, na economia globalizada, trata-se:

[...] de uma espacialidade inédita, muito distante já da esfera pública burguesa em seus começos, ou da cena urbana em que operava a cidade letrada até há pouco. A cidade letrada se viu ameaçada de morte com a indústria transnacionalizada do imaginário de massa, ao lado do fato da fragmentação da comunidade (lembre-se que a comunidade é pressuposto para a existência da própria cidade letrada) (GOMES, 2004, p.120-121).

O que resta da cidade letrada, de acordo com ele, “são ruínas, resíduos, fragmentos” (GOMES, 2004, p. 121). Ao tratar da obra de Ricardo Piglia, afirma que a literatura perde espaço na sociedade contemporânea porque esta não pode compreender um trabalho

improdutivo, sem interesse econômico. Muitos letrados, diante desta cena, “perderam as ilusões, tornaram-se sensatos e conformistas; correm o risco de converter-se em funcionários do sentido comum” (GOMES, 2004, p. 121). A literatura perderia, assim, a sua relação com o espaço público, marca da cidade letrada de Rama, e cederia lugar às figuras “do especialista e do técnico, [e] do jornalista como ideólogo” (GOMES, 2004, p. 122), à televisão, e “deslocou os lugares de enunciação da tradição intelectual e de seu pão intelectual e de seus problemas para a cultura de massa”<sup>62</sup>. Nesses tempos em que não havia mais o Estado repressor às manifestações artísticas, o que se configuraria como “inimigo da literatura”, para utilizar a expressão de Jean Franco, seriam as instituições, “através de seus prêmios e da estandartização do mercado”<sup>63</sup>.

Gomes, ao perceber a situação-limite, busca uma linha de fuga para a literatura e aponta a proposta de Ricardo Piglia, em complemento às propostas de Ítalo Calvino<sup>64</sup>: o deslocamento.

Piglia, em *Una propuesta para el nuevo milenio*, inicia o seu texto por localizar o seu discurso (e por conseguinte marcar a sua tomada de posição) “desde Buenos Aires”, “desde este suburbio del mundo”, “desde el margen, desde el borde de las tradiciones centrales”, dizendo ser vantajoso não estar em um país central de longa tradição – e defende o olhar enviesado de quem está à margem e produz um valor suplementar, especula sobre a persistência desse valor na posterioridade, nas possibilidades da literatura futura. Trata da experiência da linguagem ao se narrar uma experiência de horror, que ultrapassa a linguagem escrita – uma linguagem do limite, que o leva a pensar no *desplazamiento*.

A partir dessas considerações, Gomes lança a pergunta que preocupa o intelectual contemporâneo: “Como construir na linguagem o lugar em que o outro possa falar?” (GOMES, 2004, p.126).

### 3.3 Os dizeres: nossos ou dos outros?

---

<sup>62</sup> PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*. Buenos Aires: Planeta/Seix Barral, 2000, p.193, *apud* GOMES, Renato Cordeiro; MARGATO, Izabel (org.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004, p. 122.

<sup>63</sup> FRANCO, Jean. América Latina en la edad de plomo: la ilustración hecha añicos. Entrevista a Matilde Sánchez para o jornal *Clarín*, de Buenos Aires, consultado em [http://www.cubaliteraria.com/debates\\_inteligencia/jeanfranco.asp](http://www.cubaliteraria.com/debates_inteligencia/jeanfranco.asp) *apud* GOMES, Renato Cordeiro; MARGATO, Izabel (org.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004, p.128.

<sup>64</sup> Ítalo Calvino preparou uma série de conferências que seriam apresentadas em Harvard, intitulada *Seis propostas para o próximo milênio*. Tais propostas são a leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade, a multiplicidade. A sexta, a consistência, não chegou a ser escrita.

Uma possível abordagem de resposta para a pergunta de Gomes pode ser encontrada nas proposições de Hugo Achugar, que, em *Planetas sem boca*, assim como Piglia, estabelece as marcas do lugar a partir de onde fala: o Uruguai. Nomeia-o “periferia”, “margem”, “não-lugar”, “América Latina”, dentre outros termos; mas afirma também que este é o seu lugar não apenas porque é onde ele se encontra geograficamente, mas porque ele o escolheu<sup>65</sup>.

Para o autor, “A qualificação do deslocado, ou do lugar de desprezo e do não-valor, é produzida por outros e não pelo sujeito da enunciação mesmo que ele termine por assumi-la, com ou sem orgulho, de forma submissa ou insubmissa” (ACHUGAR, 2006, p.14). E afirma:

Esse lugar da carência, que é o lugar da produção de valor, a partir da periferia ou margem. (Margem e periferia são, em meu discurso, praticamente intercambiáveis). Esse lugar é, para o Primeiro Mundo, para aqueles que entendemos como hegemônicos no Primeiro Mundo – deixando de lado as dissidências que o habitam –, para o hegemônico olhar euro/ianque/antropocêntrico, o lugar da carência. Ou seja, a autoridade determina que não tem nada a dizer ou, o que também é possível, a autoridade carece do instrumento que lhe permita ouvir o que os planetas/a periferia, a margem, têm a dizer (ACHUGAR, 2006, p. 20).

Segundo Achugar, os lugares importam menos que o posicionamento assumido por aquele que fala. Para o autor, “[...] todos os lugares são construções metafóricas, mas enquanto algumas não necessitam ser justificadas, outras o necessitam [...]” (ACHUGAR, 2006, p.22). Tal afirmação poderia justificar as considerações que faz a respeito do balbucio, ou a forma como podem ser considerados os dizeres teóricos e ficcionais, vindos das margens (para o autor, estar à margem constitui uma posição provisória e situacional), do ponto de vista do centro hegemônico do saber. Achugar entende o balbucio não como uma carência, mas como uma afirmação da sua identidade,

[...] afirmação de que o pensamento crítico latino-americano não tem que pagar tributo à sistematização ‘euro/ianque/etc./etc./etc.’, que o que ele tem de sistemático [...], ou sua maior virtude, fundamenta-se no fato de que habitamos ‘espaços incertos’, outros territórios, âmbitos inexplorados que

---

<sup>65</sup> De acordo com estas considerações, parece importante destacar que João Gilberto Noll, ao requerer a bolsa para escritor-residente na Universidade da Califórnia, e posteriormente para a disciplina de Literatura brasileira, elege o lugar geográfico a partir de onde fala, seu local de trabalho; e, ao mesmo tempo, refere-se a um outro lugar que não é aquele em que se encontra, o escolhido por ele, mas o de onde vem e, para este, a sua língua materna.

sempre estamos em processo de construir, descobrir, habitar (ACHUGAR, 2006, p.24).

Talvez esse movimento seja o mais importante em um momento em que a globalização e o aparente fim das fronteiras nacionais fazem com que esse sujeito recorra ao seu espaço, à fronteira do seu próprio corpo, de seu íntimo e de seu “eu”.

Por outro lado, Achugar aponta que a maioria da comunidade de intelectuais periféricos radicados nas academias européia e norte-americana parece aplicar à América Latina um discurso formulado originariamente por intelectuais diaspóricos, de origem geralmente asiática, como Bhabha, Said, Appadurai, Spivak, que, embora tenha um caráter original e inteligente, pode ser questionado no que se refere aos aspectos que tangem a especificidade da nação e ao papel do intelectual no continente latino-americano<sup>66</sup>. O colonialismo que a América Latina sofre, desde sua independência, por vias indiretas e disfarçadas, em muito difere da forte presença de uma longa tradição imperial que predominou, até muito recentemente, nesses países asiáticos, ou seja:

Os outros nos falam. Na realidade, sempre se pode dizer que há um Outro que nos fala e que, por sua vez, o Outro fala em outros Outros. O centro/os múltiplos centros fazem falar a margem. Por sua vez, a periferia, a margem – enquanto situacional – torna-se centro para outras periferias e as faz falar. [...] O subalterno não pode falar, pois se fala já não é. O subalterno é falado pelos outros (ACHUGAR, 2006, p.20).

João Gilberto Noll, ao mesmo tempo em que ficcionaliza em seus romances a sua região natal (o sul do Brasil) ou a cidade de Porto Alegre como pontos de partida/chegada, afirma também a sua aversão ao rótulo de escritor gaúcho ou regionalista.

Ser do sul não interfere em minha literatura, no tipo de coisa que faço. Não ofereço nenhuma tipicidade sulista. Existe até uma certa tensão entre o que apresento e a outra literatura fixada mais na tradição gaúcha de recontar um pouco as raízes da comunidade. São valores dominantes mas não me identifico com eles. Não sei fazer realismo social<sup>67</sup>.

Nesse sentido, o lugar a partir de onde fala é o lugar que lhe é próprio e o que foi escolhido, ou seja, o espaço de eleição é aquele a partir de onde se fala e é o espaço que se

---

<sup>66</sup> Alberto Moreiras, espanhol, radicado nos Estados Unidos, em livro lançado recentemente: *A exaustão da diferença*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, discute o estado atual da reflexão latino-americanista, faz uma reflexão diferente em relação à propriedade do discurso elaborado a partir da academia estadunidense.

<sup>67</sup> NOLL, João Gilberto. *Um autor sem medo de desagradar*. Jornal Estado de Minas, Caderno Espetáculo. Belo Horizonte, 20 de maio de 1999. Entrevista concedida a Mirtes Helena.

leva, e este pode ser idealizado, transformado, deslocado. Um lugar de eleição que pode ser tanto o lugar do exílio quanto o lugar de onde se partiu.

Angel Rama, em *La riesgosa navegación del escritor exiliado* (RAMA, 1998, p.235-250), afirma que a história da América Latina está marcada por deslocamentos forçados de políticos e intelectuais – que se estende aos escritores, devido a uma outra tradição latino-americana que é a de uma forte filiação política e de engajamento –, que vão buscar em países vizinhos e na Europa as condições (inexistentes em determinados períodos de tempo em seu país de origem) para as suas atividades.

Essa busca foi empreendida por João Gilberto Noll e pelo personagem do romance *Berkeley em Bellagio*, que será analisado a seguir.

#### 4 BERKELEY EM BELLAGIO: INSÍLIO, EXÍLIO E DESEXILIO

Nesta seção será apresentada uma leitura do romance *Berkeley em Bellagio* que diz respeito aos deslocamentos empreendidos pelo personagem do romance e aos sentimentos provocados por esse trânsito.

Quando analisa a etimologia do termo “exílio” – do latim *exilium*, que remete à forma *ex-salire*, ou “movimento para fora” – Miriam Volpe (VOLPE, 2005, p. 79) destaca o termo *exsilium* (*ex-solum*), uma variação gráfica de *exilium*, porém sem ligação com o verbo *salire*. Essa variação permite um outro valor semântico para a palavra “exílio”, que pode ser entendida tanto por “sair de um lugar”, “estar fora”; quanto por “estar privado, deslocado”. A idéia de “privação” permite uma manobra que vai de encontro a uma situação mais psicológica do que geográfica do exílio. Psicológica porque se refere a um sentimento motivado pelo afastamento ou pela privação de algo, em um lugar. Trata-se, portanto, de uma condição interna, particular, denominada exílio interior, ou insílio.

Para Volpe, “A sociedade moderna, em geral, revela profundas fissuras culturais, econômicas, e, nos valores humanos, que parecem preparar o cenário para o desafeto, a clandestinidade, a marginalidade, a acomodação – o insílio, enfim, como cisão dentro de uma cultura” (VOLPE, 2005, p. 81). Tal cisão poderia ser entendida como uma situação de não pertencimento, de não inserção de um indivíduo em uma comunidade.

Julia Kristeva, por sua vez, afirma: “o estrangeiro [em mim] começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades” (KRISTEVA, 1994, p.9). Tal rebeldia diz respeito à reclusão do estrangeiro em si mesmo, como uma defesa diante do que lhe é estranho. Mas, segundo a autora, pensar a condição do estrangeiro significa “refletir sobre a nossa capacidade de aceitar novas formas de alteridade” (KRISTEVA, 1994, p.9). E também a de sermos outros ou, nas palavras da autora, os “estrangeiros que todos nós reconhecemos ser” (KRISTEVA, 1994, p.10) coabitam em cada indivíduo.

A situação de marginalização que o personagem de *Berkeley em Bellagio* expressa sentir no Brasil como cidadão/escritor – ao ter que trabalhar sob as condições mínimas anteriormente explicitadas e estar privado de certos direitos ou prerrogativas – poderia



configurar-se como uma situação de exílio, sem que se dê o afastamento geográfico. Está insilado, ou exilado de seus direitos em seu próprio país, pois o que vive significa “aquela falta de trabalho ou de aceno de qualquer coisa que lhe restituísse a prática do convívio em volta de uma refeição, sob um endereço seguro” (NOLL, 2002, p. 10). E se “em seu país tá brabo, camelôs, pedintes, barrigas vazias, nem pro café com leite o bolso se apresenta” (NOLL, 2002, p. 39), o personagem de *Berkeley em Bellagio* sente-se forçado a tentar sobreviver em outro lugar.

#### 4.1 o insílio no exílio

O personagem do romance se refere a si próprio – e se identifica – de modo a revelar, ou ressaltar, suas carências: não possui dinheiro, tampouco o que ele chama de alta formação intelectual, e sente-se marginalizado em seu país de origem. Ele persegue a nova oportunidade que lhe é dada de trabalhar fora do país (não é a primeira vez que vai a Berkeley, já havia estado lá anteriormente como escritor-residente, e dessa vez é convidado a lecionar) e exhibe os contrastes que há entre o que ele consegue ser em seu país de origem e fora dele.

Quando chegou aos Estados Unidos, tinha menos de cem dólares. A chefe do Departamento de Espanhol e Português em Berkeley o esperava no aeroporto de San Francisco toda de preto, loira, sorrindo meio culpada por tantas atribulações que o consulado americano em São Paulo tinha me causado por não ser um cara de altas formações acadêmicas, por estar desempregado, sem endereço fixo, penso eu, por tudo isso relutaram –, duas, três vezes meu passaporte voltara a Porto Alegre sem o visto –, temendo com certeza que eu quisesse imigrar como tantos patricios (NOLL, 2002, p. 16).

Na Universidade de Berkeley, Califórnia, primeiro destino do personagem, ele é um professor de Cultura brasileira. Com o tempo, as carências vão sendo resolvidas: se em seu país faltava-lhe uma inserção, um “endereço seguro”, ele passa a tê-lo: “Ele alugara aquele andar na Arch Street, em Berkeley –, flores graúdas nas calçadas [...]” (NOLL, 2002, p. 13). Resta-lhe buscar a possibilidade de estabelecer relacionamentos e um convívio desejado, o que se configura inicialmente como uma dificuldade, em grande parte pelo fato de ele não ter fluência na língua inglesa, questão que será abordada adiante.

O personagem/professor, ao usar o português em um curso de Cultura brasileira, acaba por isolar-se em sua língua e cultura nativos, o que o leva a refletir sobre a sua condição

nesse país. Isso desperta uma rebeldia que se traduz no questionamento da “recepção” do seu discurso pelos alunos, conforme a citação que segue:

Em meio às divagações sem fim, na última fila, a controlar de tempos em tempos os vultos dos alunos por trás, eu me perguntava quem estava ali de fato interessado por esses quadros de miséria afastados de seus cotidianos quase principescos. O que fariam com essas imagens que para eles deveriam reverberar como campos de refugiados de todo o azar do planeta? – azar que eles nunca iriam contatar fora de suas embaixadas, de seus hotéis de segurança eletrônica ou desarmados de suas fantasias de ajuda às populações carentes de onde eu viera (para lhes ensinar em vão). Simulavam então diante de mim um interesse mais que suficiente para lhes render êxitos a mais em seus currículos de agentes não importa de que instituição, secreta ou não, agentes da bandeira que fingiam amar sobre todas as coisas, mesmo que tentassem às vezes molestá-la em minha presença, afetando visão crítica para me mimar (NOLL, 2002, p. 18-19).

Essa atitude poderia ser associada aos conceitos de Kristeva, para quem a palavra do estrangeiro:

[...] pode ser desejável, surpreendente também, estranha ou atraente, até. Porém tais atrativos têm um peso fraco diante do *interesse* – que falta, precisamente – dos interlocutores. O interesse é interesseiro, ele que pode utilizar os seus propósitos contando com a influência que, como qualquer influência, está vinculada aos laços sociais. Ora, precisamente, estes você não os tem. As suas palavras, ainda que fascinantes por sua própria estranheza, não terão conseqüência, efeito e não provocarão, portanto, nenhuma melhoria da imagem ou do renome dos interlocutores. Somente o escutarão distraidamente, como uma diversão, e o esquecerão rapidamente para poderem tratar de coisas mais sérias. A palavra do estrangeiro pode contar somente com a sua pura força retórica e com a imanência dos desejos nela investidos. Mas ela é desprovida de qualquer apoio da realidade exterior, pois exatamente o estrangeiro é mantido afastado dela. (KRISTEVA, 1994, p.28).

Com o passar do tempo, a posição assumida pelo personagem/professor é a de se manifestar depreciativamente sobre a visão de mundo imperialista de seus alunos. Esta atitude coincide com a leitura de Kristeva de que todo estrangeiro é crítico, pois consegue perceber os contrastes existentes entre o lugar de onde vem e o lugar onde se encontra:

[O estrangeiro, no início,] sente uma certa admiração para com os que o acolheram, pois em geral acredita serem eles superiores, seja material, política ou socialmente. Ao mesmo tempo não deixa de julgá-los um pouco limitados, cegos. Pois os seus anfitriões desdenhosos não possuem a *distância* que ele possui, para se ver e para vê-los. O estrangeiro fortifica-se com esse intervalo que o separa dos outros e de si mesmo, dando-lhe um sentimento altivo, não por estar de posse da verdade, mas

por relativizar a si próprio e aos demais, quando estes encontram-se nas garras da rotina da monovalência (KRISTEVA, 1994, p.14).

“Ele não falava inglês” – a primeira frase do romance – marca a negação, a deficiência, a falta, de possivelmente pertencer à comunidade do país em que se encontra. A princípio, parece que seu domínio de algumas palavras era suficiente; ou ainda que, tendo ele próprio um caráter de novidade, sendo ele um estrangeiro, superar-se-ia a dificuldade imposta pela língua:

Claro, sabia pedir um sanduíche, uma coca, algo assim, mas no mais falava com seus alunos de cultura brasileira em português, ia a reuniões na casa de alguns deles que estavam sempre a tirar fotos do seu porte ainda convicto, rodeado pelos gatos e gatas seus alunos, garotada americana, asiática, mexicana... Todos queriam saber mais a respeito de Caetano, e vinham de fins de semana em Los Angeles com autógrafos de camarim do baiano que acreditava ter-me lido em algum livro do qual não lembrava o nome [...] (NOLL, 2002, p. 11).

“Ele não falava inglês” sinaliza a reflexão do personagem enquanto caminha pelo *campus* de Berkeley. Trata-se do bosque da universidade, uma “porção sombria de natureza a lhe servir então como uma espécie de refúgio contra a língua inglesa” (NOLL, 2002, p. 10). A necessidade de um refúgio<sup>68</sup> parece explicitar que ele não se sentia parte do lugar em que se encontrava, “numa terra estranha, sem falar a língua do lugar” (NOLL, 2002, p. 11).

Um indivíduo precisa sentir-se não apenas seguro no lugar onde se encontra, como também de criar laços que o façam pertencer a esse lugar. Quando isso não ocorre, esse indivíduo não consegue inserir-se, fazer parte. Passaria a ser, portanto, um insilado, também no exílio.

“À primeira vista nada saía do lugar, ele próprio parecia estagnado desde que viera para um país do qual não falava a língua, mantendo uma distância gentil de seus alunos...” (NOLL, 2002, p. 12). Essa palavra, “estagnação”<sup>69</sup>, poderia ser lida como uma forma que não o conduziria a uma interação mais eficiente, necessária, inspiradora, que lhe desse “a graça da transfiguração do mundo”.

Em um determinado momento, sua própria língua transformou-se num “português viciado, com cujas palavras já não conseguia dizer metade do que alcançava até tempos atrás,

---

<sup>68</sup> Refúgio: local para onde alguém foge a fim de estar em segurança, asilo, abrigo. Apoio, amparo, proteção, socorro.

<sup>69</sup> Estagnação: falta de movimento, de atividade, inércia, paralisação.

antes de ficar assim meio esquecido depois da queda à porta do banheiro [...]” (NOLL, 2002, p. 9). A criação do artifício da queda justificaria sua decisão de procurar outro caminho, abandonar a língua mãe e finalmente aprender o inglês.

Tentar entender essa nova atitude leva novamente a recorrer às palavras de Kristeva:

[...] incompreendido por uma mãe amada e contudo distraída, discreta e preocupada, o exilado é estranho à própria mãe. Ele não a chama, nada lhe pede. Orgulhoso, agarra-se altivamente ao que lhe falta, à ausência, a qualquer símbolo. O estrangeiro seria o filho de um pai cuja existência não deixa dúvida alguma, mas cuja presença não o detém. A rejeição de um lado, o inacessível do outro: se tiver forças para não sucumbir a isso, resta procurar um caminho (KRISTEVA, 1994, p.13).

O caminho encontrado é o de aprender o inglês:

[...] precisava mesmo era ir à ação, falar inglês, testemunhar nessa língua a todos que pudessem se interessar por sua vida. Quase ninguém naquela terra, era verdade, não podia negar – mas com o passado dos verbos irregulares e expressões idiomáticas nos lábios, teria mais chances de protagonizar histórias, optar por viver definitivamente naquele país com um bom salário de professor de cultura brasileira... (NOLL, 2002, p.11).

No romance, falar inglês, “ir à ação”, diz respeito à escolha que o estrangeiro/o exilado faz, dada a transitoriedade do seu estado: ou ele se mantém muito ligado à sua origem, ou opta por inserir-se em uma outra corrente cultural (RAMA, 1998, p.175) que lhe ofereça melhores condições de vida. Assemelha-se, portanto, à análise de Kristeva, quando esta autora afirma que “o objetivo (profissional, intelectual, afetivo) que alguns se dão nessa fuga desenfreada já é uma traição à condição de estranho, pois ao escolher um plano, o estrangeiro se propõe uma trégua ou um domicílio” (KRISTEVA, 1994, p.13). Tanto há o interesse em estabelecer-se no país que o personagem chega a fazer planos:

Aposentado no futuro iria duas, três vezes ao Brasil a cada ano, traria de lá um garoto bronzeado de Copacabana, sempre existiriam garotos bronzeados de Copacabana prontos a ir aos States com um homem maduro; esse garoto poderia vir a ser seu secretário bilíngüe, salário que faria o rapaz esquecer a pobreza [...] (NOLL, 2002, p. 11-12).

O desejo de uma situação confortável e de caráter definitivo em um país estrangeiro pode ser analisado por meio das considerações de Ángel Rama, que distingue “exílio” de

“emigração” ao colocar o primeiro como passageiro, transitório, que se encerraria com o retorno às origens; e a segunda como uma resolução definitiva de integração a outra cultura (RAMA, 1998, p.241). Esta última pode tornar-se uma condição permanente de vida, principalmente na idade adulta, quando as diversas situações vividas por uma pessoa podem exigir certas integrações e deslocamentos.

Em relação ao personagem do romance, sua proposição de “domicílio” acaba por implicar em um relacionamento peculiar com o seu país de origem. O desejo de viver em um país estrangeiro faz com que se acenda nele outro desejo, que pode ser de ordem afetiva/sexual – conforme a associação entre o “garoto bronzeado” e o “homem maduro” pode provocar –, representada pela sugestão de um laço amoroso. Pode ser visto também como uma espécie de possibilidade encontrada por ele de contribuir com seus conterrâneos – através da atitude que anteriormente criticara em seus alunos –, ao oferecer um trabalho para um brasileiro nos Estados Unidos.

Há uma elipse na história, o retorno dos Estados Unidos não é narrado, e suas questões, principalmente as que se referem ao desejo de permanecer, de integrar-se, permanecem em suspenso.

#### **4.2 um novo exílio**

Uma outra diáspora se configura, dessa vez para a Itália. Há uma distinção entre os dois desenraizamentos, quando o convite para ir a Bellagio desperta uma mudança de postura: “não, ele não queria voltar ao exterior para morar, ah, não, apenas cultivava um convite, que lhe caíra do céu, de trabalhar no seu novo romance por um largo tempo em Bellagio [...]” (NOLL, 2002, p. 20). Anteriormente, em Berkeley, ele cogitara a sua permanência no país; agora parece desejar o contrário, ficar o tempo necessário para o trabalho, apenas. Uma atitude que poderia sugerir certa esperança de voltar.

Dessa vez ele não quer ir sozinho, há uma expectativa de companhia, para atender à necessidade de um vínculo que pudesse trazer-lhe amparo<sup>70</sup>. Cogita levar Léo, o namorado,

---

<sup>70</sup> Uma das marcas da obra de João Gilberto Noll diz respeito à sexualidade do seu personagem, que age/reage às demandas do corpo. Não cabe aqui problematizar esta questão, já bastante abordada em outros estudos sobre esse escritor. Mas cabe comentar que, apesar de em *Berkeley em Bellagio* Noll apresentar mudanças em sua obra

consigo para Bellagio, e para convencê-lo tenta “acender no cara a idéia de aventura<sup>71</sup>: se ele o seguisse, conheceria a bem-aventurança de viver num país estrangeiro mais qualificado, de aprender uma nova língua” (NOLL, 2002, p. 20). Certa forma, tais bem-aventuranças dizem respeito às próprias vivências do personagem em sua viagem anterior que, apesar do incômodo do lugar do exílio, garante a si a comodidade de toda uma estrutura institucional a seu favor, uma estrutura que lhe garante poder, *status*.

A Itália não corresponde a uma expectativa que ele havia alimentado antes de conhecer o país, principalmente por causa do seu repertório adquirido como espectador de filmes. Também aquela não poderia chamar de sua casa: o único sinal familiar foi o de que a data era a Páscoa, mas o sino tocando não era suficiente para que ele sentisse alguma atmosfera acolhedora:

Quando saiu a conhecer o vilarejo de Bellagio, não conseguiu ver o que esperava encontrar numa aldeia típica de filmes como “Cinema Paradiso”, “O carteiro e o poeta”; não via como dali poderiam sair histórias autenticamente pessoais, dramas, humor, malícia, tédio.[...] Sentou-se a uma mesa no passeio ínfimo, bebeu um, dois, três expressos e pôs-se a olhar muito mais para dentro, ao encontro talvez de um sentimento que provocasse nele a noção antiquada de uma comunidade, seja ela qual fosse, mas o que viu lá dentro não correspondia àquele domingo de Páscoa pela manhã, salvo um sino que tocava, isso poderia quem sabe lhe reacender a atmosfera idealizada da infância (NOLL, 2002, p. 21-22).

Apesar de chamar antiquada a noção de comunidade, parece ser justamente essa noção a que ele está a procurar em Bellagio, algo que o aproximasse ou de si mesmo ou de coisas que lhe fossem familiares. Ao não encontrá-las sente-se novamente deslocado.

Ele não ficaria ali um dia além do período reservado pela Fundação americana para a sua estada que seria impressionantemente longa para os cânones desses mecenatos internacionais. Ele só tinha mesmo o que olhar na sua Porto Alegre, nessa cidade por onde a cada caminhada costumava descobrir, por entre as ruas de história ainda incipiente, novos focos de resistência da memória, fosse como fosse a sua [...] (NOLL, 2002, p. 22).

---

romanesca, quando o seu personagem possui uma tarefa como um intelectual, e encontra-se “mapeado” (no sentido de estar localizado, com trajetos delimitados na narrativa), as experiências do corpo não deixam de constituir um aspecto que problematiza esse personagem. Noll trataria, portanto, a sua escrita, o seu fazer literário, como o lugar desse sujeito, muitas vezes guiado pelo desejo do corpo, da sexualidade.

<sup>71</sup> A palavra “aventura” pode denotar também a relação erótica.

Afinal está ainda sob o domínio dos estadunidenses, pisando em solo italiano. As pessoas com que convive não são mais seus alunos, mas intelectuais de diversas áreas de conhecimento e oriundos de países diversos, estrangeiros falantes do inglês, para os quais a Fundação Americana organizava momentos de encontro e interação, principalmente às refeições, ocasiões em que todos se reuniam, formal ou informalmente.

[...] os circundantes continuavam acordados agora na sala de música, sentados em poltronas, belos sofás, quadros e estátuas renascentistas que eu jamais saberei se são reais ou mero esforço posterior de algum abnegado artesão. Um professor de física da New York University cantava e tocava standards americanos ao piano; fui para perto de um grupo que ouvia atentamente a fala da poeta tcheca toda liquefeita em vinho a relatar sua amizade estreita com João Paulo II; ganhou algum prêmio no Vaticano, algo assim, talvez uma medalha católica dedicada aos poetas, tudo eu ouvia como sempre ouvia os cortesãos da Fundação, pegando pedaços, nacos de frases, logo me desinteressando, às vezes retornando pra verificar se daria para lastimar mais tarde ter passado ao largo do assunto que poderia me render mais romances, mais contos, mais novelas [...] (NOLL, 2002, p. 37).

O prédio da Fundação americana, revela o personagem, abrigara John Kennedy antes de ele ser o presidente dos Estados Unidos, do mesmo modo que continua a receber intelectuais. A Fundação é descrita como uma “fábrica de líderes”, ou “[...] o grande capital americano formando suas futuras lideranças de Washington em Bellagio, uma verdadeira incubadora [...]” (NOLL, 2002, p. 63). A percepção do lugar em que se encontra faz com que o personagem reaja como se não houvesse contra o que lutar: [...] por engano fui dar ali, o que fazer, prossigo? Sim, não há escolha” (NOLL, 2002, p. 63), quando não ter escolha significa a submissão àquela “irmandade que almejava comandar o mundo com suas idéias orquestradas” (NOLL, 2002, p. 31).

[...] é, não represento nada; mas, por outro lado, por que a Fundação americana teria mais direitos do que eu na intimidade com esses ossos seculares, o que é o capital entre a aspereza fósil onde imagino estar tocando alguém dessas paredes que não me metem medo, nada?; para que acumular tanto dinheiro se ninguém precisa dele nem de nada [...] (NOLL, 2002, p. 49).

Uma idéia que se relaciona à submissão a que se vê condenado é a forma pela qual ele descreve o seu processo de apreensão da língua inglesa: um sono. Parece interessante

salientar que a palavra “sono” também foi utilizada na tradução da obra de Kristeva<sup>72</sup>, quando a autora lança perguntas para os que se situam entre o impasse entre duas línguas:

Por que então cortar a fonte materna das palavras? O que você imaginava desses novos interlocutores aos quais você se dirige com uma língua artificial, uma prótese? Para você, eles eram idealizados ou desprezados? Ora, vamos! O silêncio não lhe é somente imposto, ele está em você: recusa de dizer, sono preso a uma angústia que quer permanecer muda, propriedade privada de sua discrição orgulhosa e mortificada – luz cortante, esse silêncio (KRISTEVA, 1994, p.23-24).

A tomada de consciência de que é fluente em língua inglesa parece ocorrer como em um sobressalto, quando o personagem desconfia de que algo que tenha acontecido enquanto “dormia”. Dessa forma, seu envolvimento com o lugar que o acolheu parece ter se estreitado, e, ao acordar de seu “sono”, agora falante do inglês, ele percebe que poderia ter muito mais chances de integrar-se.

*It's ok, it's ok*, me surpreendi parlando desse jeito num repente. Virei-me, olhei para cima e vi a “Catedral” da Fundação americana plantada no alto da colina da Villa Solti, como o local ainda é chamado nas publicações turísticas expostas pelas ruelas de Bellagio. Virei-me, olhei para a “Catedral” americana, vi que ela continuava ali com toda a sua pompa, não importa, o que importava de fato naquele instante era que eu já pensava em inglês, já não conseguia processar um pensamento que não fosse em inglês, se perguntassem de onde tinha vindo a repentina fluência nessa língua, um cínico que me ouvia cá dentro responderia que eu fora iluminado durante o meu longo, longo sono pelo Espírito Santo – *Holly Ghost*, é lógico, tudo em inglês. Na minha sã consciência eu já achava que não, achava que, durante esse meu interminável sono, tudo o que eu fora levado a conversar com angloparlantes dessa *villa* da Lombardia tinha se blindado de tal modo que não se deixava penetrar mais pelo vírus de nenhuma outra língua, porque é certo, não fora um sono qualquer, eu estava perto de entender –, *I'm interstanding*, é isso, *I'm speaking everything* –, era esse o sono pelo qual os gringos em volta estavam esperando, para que a partir daí eu passasse definitivamente a fazer parte deles, talvez com um disco rígido na mente com o programa inteiro dessa tal de língua inglesa (NOLL, 2002, p. 55).

Com a fluência em inglês, o protagonista faz novos planos:

Confesso que no meu primeiro pensamento aceitei essa condenação e dominar apenas uma nova e mais do que poderosa língua, não nego. Dias tranquilos com Edwin no Bronx, embarcando todas as tardes no *subway* pra pegar um filme europeu ou brasileiro, iraniano talvez, claro, todos legendados –, pagar os *tickets*

---

<sup>72</sup> Segundo Kristeva, a língua do país de origem do estrangeiro “murcha sem jamais abandoná-lo”. Afirma também que a língua aprendida é artificial, e que o falante não consegue o mesmo efeito expressivo que ele pode alcançar com a língua pátria (KRISTEVA, 1994, p.22).



com os proventos do meu trabalho traduzido para o inglês, o russo, o japonês, já me sentia no circuito globalizado da ficção impressa em páginas de papel. [...] eu viveria um pouco com Edwin, um pouco em Paris, passagens pelo Rio, São Paulo, talvez no próximo Fórum Mundial em Porto Alegre eu aparecesse na caminhada pela Avenida Borges de Medeiros com um cartaz em inglês, é óbvio, para que ninguém perdesse a minha mensagem pedindo pelos povos que ainda estavam por vir [...] (NOLL, 2002, p. 56-57).

Fluência – ou “condenação” – numa língua que chama “poderosa”, que o permitirá uma vida em trânsito por diversas cidades do mundo economicamente globalizado pelo capital dos EUA, inclusive as de seu país. Nesse ponto, o trânsito que empreende o personagem de Noll em outros romances difere-se deste caso, quando o protagonista de *Berkeley em Bellagio* imagina-se no “circuito globalizado da ficção impressa”, e o trânsito passa a ser entendido como globalização, de modo que ele passa a figurar no lado “forte”, no lado de quem domina uma língua “poderosa”, e pode dar-se o luxo de transitar, não por necessidade, mas por capricho; há também um distanciamento da sua cultura – imagina-se vendo um filme brasileiro legendado, ou em Porto Alegre com um cartaz em inglês, para que todos o compreendessem. A fluência na língua inglesa parece distanciá-lo de si próprio e de sua cultura.

As chances de integração ou pertencimento não dependeriam apenas da fluência na língua. Enquanto permanecesse na Fundação Americana, em Bellagio, ele haveria de obedecer a regras, mas principalmente as regras do diretor, chamado de Bispo.

Antes de deitar ligo o radinho que trouxe comigo do Brasil, sabendo que aqui eu teria vida de convento, sem TV ou rádio no quarto, sem nada que me dispersasse da séria tarefa a que me propus: um livro que se produz quase sozinho – é só sentar à frente do meu *laptop* e pronto, lá vem a história que eu não conhecia ainda, é isso, a história que eles querem que eu faça: conte uma história, não complique: alguma coisa que dê para amanhã mostrar pros nossos filhos, netos quem sabe; [...] sem a sombra do caos de onde viemos, pois no ambiente uterino tudo é caos, e não é de regressão que eles precisam, é de muito mais, de um mundo que desdiga o nosso – quem me fala essas coisas é aquele que todos chamam de o “Bispo” da Fundação. É uma espécie de diretor da Villa, eu relembro e ele continua: necessário descascar as sombras e chegar como num milagre ao ponto, esse ponto que os americanos souberam expor com galhardia durante o século passado, ao aparecer por exemplo alguém como Hemingway, provando que o estilo só se estabelece quando se o esquece (NOLL, 2002, p. 69).

Ao se afastar e ir em direção ao seu quarto, o personagem manca pelo corredor, numa tentativa de “fraudar rastros” – enquanto percebe que o Bispo o segue com o olhar –, e

promete “que amanhã faria mais duas páginas, que esperasse para ver a síntese pulsando ali, sem nenhum enfeite, sem nada que a maculasse; que bom, ele [o Bispo] respondeu, que bom, até amanhã, tenha um bom sono, leve a bom termo a vida de suas páginas!” (NOLL, 2002, p. 70). Nessa segunda viagem, ainda que novamente o exílio seja uma escolha, há um preço a ser pago em troca dos subsídios para a escrita do seu romance: a obediência às ordens do Bispo, as regras para a convivência na Fundação e as regras para o seu próprio trabalho.

Em *Bellagio*, as transformações por que o personagem passa são mais intensas, e ele volta muito o seu olhar para si próprio. Diante do espelho<sup>73</sup> e para si mesmo ele questiona a sua identidade, questiona a pessoa que ele é, ou a pessoa em quem, aos poucos, sente transformar-se.

Eu era Berkeley<sup>74</sup>, o célebre filósofo sensualista que acreditava, dizem, que a subsistência das coisas dependeria da qualidade da percepção e não da feitiçaria da linguagem –, e qual percepção eu poderia ter de mim mesmo naquele vôo noturno que quase me engole num repente? Quem me responde, e já, se o fato de eu estar aqui andando pelo bosque em plena madrugada me confere alguma garantia de que eu não seja um outro que de fato sou, um estrangeiro de mim mesmo entre norteamericanos (embora pisando em solo italiano)? Sou alguém que se desloca para me manter fixo? (NOLL, 2002, p. 36).

O personagem é duplamente exilado – está dentro da academia americana que, por sua vez, ocupa um lugar acadêmico na Europa. E a desestabilização que sofre, da noção de “si”, reflete o momento em que as consequências do exílio têm efeitos mais graves para ele. Sua estadia em *Bellagio* faz com que ele revele-se estrangeiro para si<sup>75</sup>, ao se perguntar que percepção ele poderia ter de si mesmo, em um momento em que passeia pelo bosque da Fundação e afirma ser ele próprio Berkeley, o filósofo – admitindo para si certa postura de autoridade, como também status social/intelectual –, em *Bellagio*<sup>76</sup>.

Deslocar-se e estar fixo para novamente deslocar-se é o movimento realizado pelo personagem de João Gilberto Noll, ao longo de sua obra literária. O que o personagem de *Berkeley em Bellagio* revela é que ele próprio lhe é estrangeiro, ele se construiu assim, estrangeiro para si, pois está sempre em movimento (deslocamento), mas fixo nele próprio –

<sup>73</sup> As referências a superfícies de vidro e espelulares são recorrentes, não só nesse romance, como também na obra de Noll de maneira ampla. A esse respeito, cf. SÜSSEKIND, Flora. Ficção 80: dobradiças e vitrines. In: *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993, p. 239-252.

<sup>74</sup> Posteriormente, ao deixar *Bellagio*, afirma não ser mais “o fantasma de Berkeley que o vento frio [...] assoprara”, e que o fantasma “estava mesmo era lá dentro, prisioneiro na “Catedral” da Fundação já vazia de *scholars*” (cf. NOLL, 2002, p.76).

<sup>75</sup> O que configura um diálogo com a obra de Julia Kristeva, *Estrangeiros para nós mesmos*.

<sup>76</sup> Novamente uma leitura do título do romance se faz presente.

ele, o outro, pois não sente pertencer a lugar nenhum que não nele próprio, nele, estrangeiro a si mesmo. É um “outro”, estrangeiro a “si”, aquele que busca respostas diante do espelho. Um outro ou ainda um “ninguém”, sem nome, em quem ele pensa ter se transformado:

[...] pensei na minha idade, vi que isso para mim já não dizia nada, nem o nome que me deram na pia batismal lembrava, se é que em algum dia me deram um nome, um corpo definido, uma imersão no tempo, se é que o tempo ainda não corre para esse ninguém que acabei sendo em meio à Fundação americana (NOLL, 2002, p. 51).

A sua relação com o tempo transforma-se em uma relação de estranhamento, como pode ser visto na citação a seguir: “Então me vejo aqui em Bellagio já sem saber o que fazer de mim, tenho a intuição de que há muito não saio daqui [...]” (NOLL, 2002, p. 54). E o nome, impresso à porta do seu quarto, sem o til – nome este que parece pertencer apenas a esse “outro” que se encontra na Itália –, é a sua prova: “quando encontro ali meu nome sei que ainda estou vivo e em Bellagio” (NOLL, 2002, p. 61). Afirma: “[...] não sou mais brasileiro [...] eu também ainda sou um moço, tenho o tempo a meu favor, terei meus livros em qualquer livraria do Hemisfério Norte em todos os idiomas [...]” (NOLL, 2002, p. 64). Esse outro parece ser projetado, um outro possível através do espelho. O escritor bem sucedido, traduzido em diversas línguas, é uma miragem – um outro construído pelo personagem de identidade cindida.

Já há indícios de transformação do personagem por causa do exílio. Sente-se outro e percebe que pode haver um benefício, uma possibilidade de sucesso, de boa distribuição de seus livros e também de conquista de público leitor. Mas um sucesso que depende de uma transformação profunda, de uma nova negação: “não sou mais brasileiro”.

Sua ligação com a instituição, vista como uma “deserção”, ao que parece não contribui para o seu processo criativo, como um cidadão do mundo, mas o impele ao desejo de retorno a casa. Destaco ainda a expressão tempo interior por ser a relação desse homem com o tempo uma das conseqüências do seu exílio.

Nesse elã que sentia pelo que ainda não se fixara em norma e sentido –, esse algo tateante que vinha e lhe escapava sem o apoio de cordas, sopros, bemóis, nessa sutílização do significado que não o levava a parte alguma, daí vinha o sinal de que o seu tempo interior se esterilizava a ponto de ele não ver mais como se desenredar: quisesse ou não, já se aventurava sem retorno por essa louca deserção. Que importância teria a decifração do mundo para quem já só queria voltar para casa de onde talvez nem precisasse ter saído? Que importância teria a semântica da

prosa mais esclarecida a quem só ansiava se abraçar ao seu quintal? (NOLL, 2002, p. 32).

“Que faço na Itália?, me pergunto – e isso é Itália, se até agora só ouvi inglês e o belo português do futuro presidente equatoriano?” (NOLL, 2002, p. 44). E admite que o que lhe falta – “talvez o frescor, a graça de toda a geografia” – ele precisa recuperar para que “com ela voltasse a escutar a memória que agora apenas lhe fincava o cenho, deixando marcas com certeza, não a história” (NOLL, 2002, p. 23). Em Bellagio se evidencia o desejo de retorno a casa. De uma realização possível apenas em sua cidade, Porto Alegre. Tenta recuperar sentimentos, sensações “idênticas” às vividas em sua cidade natal: “[...] olho o meu próprio corpo, vejo que continuo o mesmo, uma quimera em carne viva, louco como em Porto Alegre pra me jogar na cama e meditar sobre a delicadeza de um outro homem [...]” (NOLL, 2002, p. 61).

[...] não me extraviei de nada, continuo aqui tendo a escrita do meu livro pela frente, só não lembro a data em que cheguei, quando retornarei a Porto Alegre, para as águas barrentas do Guaíba, para as minhas caminhadas a partir da Usina do Gasômetro até a Praça da Matriz, descendo aí para a Praça da Alfândega, e ao entrar no Shopping Rua da Praia contar quantos garotos de programa estão postados nas imediações da portaria [...] (NOLL, 2002, p. 59).

A sua relação com a passagem do tempo – ou o seu destempo – é também uma consequência do exílio, uma confusão mental que interfere na maneira como ele se relaciona e percebe a realidade circundante.

[...] como finado sou um pouco menos do que eu, confesso, mas continuo vivo, emendo, só que quando penso estar no passado é no presente que me vejo, quantas vezes penso estar vivendo agora e quando me apercebo ainda estou por ter a experiência no futuro, ah, não imaginas a confusão de instantes, tudo anda amalgamado em mim, em mim tudo é pura massa informe, sem face que me distinga entre os demais (NOLL, 2002, p. 66).

Kristeva fala sobre as noções de tempo e espaço percebidas pelo estrangeiro:

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento possível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória do estar além: somente a impressão de uma sursis, de ter escapado (KRISTEVA, 1994, p. 15).

Parece haver aí uma personalidade em formação (transformação?), ou em contínua mudança. Como se o sujeito tivesse que se perceber, se compreender em seus “tempos” – passado, presente, futuro –, desmembrar-se para se reconstruir. Uma reconstrução que parece possível com o retorno a casa.

#### 4.3 o *desexilio* ou o recomeço na ficção

O termo *desexilio* foi criado pelo intelectual uruguaio Mario Benedetti, para responder a uma necessidade: nomear o possível e árduo retorno dos exilados, que começava a perceber-se nos países do cone sul, por ocasião do fim das ditaduras militares. Por oposição ao exílio, na maioria das vezes imposto – o *desexilio* é uma escolha do indivíduo, que posiciona-se como uma ponte entre duas culturas e duas realidades, pois está, ao mesmo tempo, impregnado da cultura do país que o abrigou, e sente a necessidade de voltar para entre os seus. Para Benedetti, o *desexilio* pode ser tão difícil quanto o exílio, além de configurar-se como uma nova ruptura – nem aquele que retorna, e tampouco os que ficaram, serão os mesmos (BENEDETTI, 1961;1986).

No aeroporto de Milão, à espera do vôo que o levará de volta ao Brasil, o personagem do romance senta-se “em torno de hordas de árabes ou assemelhados com suas mulheres silenciosas [...] hindus agora chegam, [e se pergunta:] são todos fugitivos?” (NOLL, 2002, p. 78). E também: “o que houve que não param de chegar aos montes esses peregrinos do além-fronteiras?” (NOLL, 2002, p. 78). Durante o tempo na Catedral ele afirma ter estado alheio ao que estava acontecendo no mundo, sem televisão, sem notícias externas à Fundação. Não sabia por que motivo tantas pessoas estavam ali, aguardando o mesmo vôo que ele. Acaba comprando um jornal inglês para comprovar o que se dizia entre os funcionários da companhia aérea:

[...] levas de migrações, “depois do desastre” (?), rumo a Porto Alegre, “extremo sul do Brasil”, cidade que costuma sediar o Fórum Social Mundial e que passará a ouvir mais línguas: afegãos, palestinos, hindus, africanos darão novo molho à algaravia das minhas velhas artérias de arrabalde, tentarão quem sabe no início abocanhar o sustento com seus cânticos de origem pela rua da Praia, Borges de Medeiros, Largo Glênio Peres. Conseguirão? Por que Porto Alegre e não uma metrópole de um país rico? (NOLL, 2002, p. 78).

De maneira curiosa, o personagem questiona o destino dos refugiados, como se para eles houvesse a possibilidade de escolha do exílio, como a que ele teve e viveu. E também o local para onde estão indo, como se os lugares seguros ou que realmente oferecessem proteção e uma estrutura conveniente para o conforto da vida fossem aqueles localizados nos países ricos.

Ao perceber-se parte da situação que vivem os que estão em deslocamento – pois ele próprio realizará uma nova viagem de contornos tão imprecisos quanto a que será empreendida pelos refugiados –, o seu alheamento, devido aos “cochilos no quarto de Bellagio” (NOLL, 2002, p. 78), às coisas que acontecem ao seu redor, parece ceder lugar a um desejo de mudança de atitude, de encontrar o “fio” perdido da história:

Melhor que eu abra os olhos, depressa, que procure saber um pouco de cada cidadão em volta, sim, ligeiro e sem receio porque a vida sempre está com pressa, essa é a sina, correr atrás do tempo, tentar fazer mais e mais laços, porque do contrário volto a Porto Alegre e vou morrer sozinho com meu inglês saindo aos borbotões inutilmente; ninguém virá com tradutor em minha casa [...] (NOLL, 2002, p. 79).

O desejo de laços faz com que ele busque, de maneira aleatória, em uma menina afegã, uma resposta às suas tentativas de aproximação, o que não acontece. Ele tenta cativá-la com brincadeiras que normalmente são feitas com crianças pequenas, mas ela não tem a reação esperada por ele e “fica ali escondida para o resto, não quer saber de nada, de ninguém, como se reclusa em sua gruta, no cheiro de sua mãe, na sua verdade inteira, sem compromisso com ninguém de fora” (NOLL, 2002, p. 79-80). Para justificar tal reação, ele diz que “eles são sérios, não digo sérios, mas vivem no semblante essa tensão da mudança de país” (NOLL, 2002, p. 79).

Ainda assim cria uma situação para os dois, a menina e ele: “serei um guia para ela, um pai se ela não o tiver, ou pelo menos um tio mais velho, carregado de sabedoria e que lhe dirá coisas como pode ir, cuidado, não exagera! A menininha não me responde [...] ela nem ao menos me olha [...] ela não voltou a me olhar [...] (NOLL, 2002, p. 79).

“Eu estava num avião de refugiados, mas para mim pareciam mais peregrinos que encontrariam em Porto Alegre a terra prometida, o novo reino de Alá ou de qualquer profeta menor, de alguma tribo” (NOLL, 2002, p. 81). A respeito desses estrangeiros que se refugiaram em seu país, afirma que “é para uma terra estranha que eles estão se dirigindo, justo a minha, onde nasci, me criei, vivo sozinho” (NOLL, 2002, p. 80). E se pergunta: “onde

será que irão alojá-los, na Vila do IAPI, em Cachoeirinha, na Cavallhada, na Usina do Gasômetro, onde, hein?” (NOLL, 2002, p. 80). Os estrangeiros dirigindo-se ao país estão numa situação muito próxima da dele, pois não têm muitas certezas, não sabem o que vão encontrar, não sabem o que os espera. Querem vínculos? A princípio quem precisa buscar os tais vínculos é ele, pois os futuros refugiados têm pelo menos uns aos outros, e ele não sabe sequer se encontrará o seu antigo apartamento.

Voltar implica reassumir uma vida que havia deixado para trás, e, nesse lugar para ele chamado casa ele espera viver “mais uma vez e certamente para sempre como todo mundo, sem mordomia, pegando o peso da [...] própria carga” (NOLL, 2002, p. 77). Mas ainda os efeitos do exílio continuam a influenciar o modo como ele percebe a si, e sente-se ainda um outro, a confundir-se em duas culturas, em duas línguas:

Eu era um brasileiro a pensar em inglês o tempo todo, eu era outro em mim, não tinha importância –, quando chegasse a Porto Alegre iria para um curso de português para estrangeiros no meu próprio torrão natal, isso acontece nesses dias, um cidadão qualquer se impregna de uma forma tão fulminante da língua de outro povo, que tal marco traumático faz com que esqueça completamente a sua língua de nascença (NOLL, 2002, p. 82-83).

Na chegada ao aeroporto, no Brasil, o personagem percebe que os estrangeiros estavam mais falantes, talvez por se sentirem em terra firme, na terra que a partir daquele momento será deles também. Observa que a fiscalização da bagagem deles é mais severa do que a da sua, e que os policiais parecem procurar o “tesouro terrorista”<sup>77</sup>, ou os “segredos e pecados no incessante trânsito sobre a Terra” (NOLL, 2002, p. 82).

O personagem confessa que não acreditava voltar a ver a sua cidade e, agora que estava de volta, inicialmente deixou sua bagagem no guarda-volumes do aeroporto e dirigiu-se ao balcão de informações com a finalidade de encontrar a referência de um curso de português para estrangeiros na cidade. Declarou ainda, a atendente, que, segundo ele, falava um inglês sofrível, o nome do hotel onde se hospedaria. O que acontece em seguida é uma reação à conversa:

Voltei-me para o lado e uma faísca saltou de mim: *wake up*, desperta, meu rapaz, enfrenta as coisas como são e vá em frente, vá pra sua casa se conseguir encontrá-la; se não, vá para um hotelzinho barato na Voluntários, não importa o endereço, importa, sim, que comeces a rever cada canto da cidade, tentando nesse método

---

<sup>77</sup> É importante lembrar que *Berkeley em Bellagio* foi lançado em 2002, quando a discussão acerca do terrorismo estava em voga, principalmente devido aos acontecimentos de 11/09/2001, nos Estados Unidos.

recuperar o português que com o calor úmido que faz deve estar escorrendo pelas paredes, muros, a sua língua-mãe padece com o seu extravio, vai em frente, não pensa tanto, pega um táxi [...] que você se reverterá de um golpe à sua realidade, ao dia-a-dia como gostas, tardes de caminhar, ir aos mesmos cafês, fazer as mesmas coisas. É isso mesmo que eu quero?, perguntei, e isso ainda é possível? (NOLL, 2002, p. 83-84)

“Acordado”, pegou um táxi, agora munido de novas referências que aos poucos vão surgindo em sua mente, para que área da cidade deve seguir, o nome da rua, o endereço. As informações de que necessita vão sendo recuperadas aos poucos por ele, ainda que não saiba dizer, por exemplo, há quanto tempo morou naquele endereço. Reconhece o seu prédio, o porteiro, a sua casa: “Forço a primeira chave que encontro no meu bolso; é com ela, sim, que abro e entro enfim no meu apartamento.” (NOLL, 2002, p. 85)

Deixo as malas no corredor que leva à sala, avanço, entro de verdade. De fato tem alguém sentado em minha poltrona –, um homem, eu não o reconheço... Mas preciso? Preciso reconhecê-lo ou apenas aceitá-lo, tentar dar curso ao encontro, eu aqui, ele a alguns passos, quem é?, quem poderia ser senão o próprio Léo de quem pensava ter me separado [...] é ele que aqui está agora a me esperar assim e desde sempre, o homem que se levanta da poltrona a me dizer alguma coisa numa língua estrangeira que desconheço, ou não, é o português sim que sai de sua boca e que eu, talvez perfidamente para ele, ainda não consigo compreender nem nada... Ele me abraça, eu sinto o abraço não como de nova acolhida, mas como um abraço de morte, é mesmo assim que o sinto e grito, peço!, peço que me poupe por enquanto, ele estremece, recua, diz que sua filha dorme no meu quarto [...] (NOLL, 2002, p. 85-86).

A existência da filha de Léo parece fazer com que ele perceba que não consegue medir com precisão o tempo em que esteve fora: “Passou-se bem mais tempo do que eu contava. Eu já nem lembrava. Fui para ficar um ano, sei lá, dois, o certo é que fiquei o tempo necessário para que Léo se envolvesse com a norueguesa e com ela procriasse: a menina deve estar hoje com quatro, cinco anos [...]” (NOLL, 2002, p. 86). E ainda: “A minha memória parece mesmo que retorna aos poucos, aos frangalhos como um soldado deve vir da guerra, espionando o que ficou do tempo, se é que ficou alguma coisa, não há problema, todos se traíram e a vida recomeça a partir de agora, será mesmo isso?” (NOLL, 2002, p. 87).

Na noite em que ele chega chove muito, e o contato com Sarita, a menina, amedrontada por causa da chuva e da falta de energia elétrica, faz com que ele tenha a impressão de que recomeça a compreender a língua portuguesa. Perto da menina, inicialmente ele se sente um estranho, para em seguida apresentar-se como um amigo.

Também o estranhamento inicial que sente ao reencontrar Léo aos poucos cede lugar a um conforto diante de uma pessoa que percebe como o seu companheiro: “Olho-o e me



pergunto seriamente se ainda é o meu cara. Em segundos percebo que ele traduziu meu pensamento. Por alguma razão qualquer, vejo que a parceria ainda existe [...]” (NOLL, 2002, p. 88-89). O reconhecimento e a reconciliação dos dois fazem com que o personagem admita: “temos muito pela frente” (NOLL, 2002, p. 88).

[...] sinto a mão passando pelos meus cabelos, é a mão de Léo, conheço-a de cor ainda, não, não a esqueci como não esqueci de fato o português, tudo me volta nessa escuridão aqui do meu quarto em Porto Alegre; eu é que tinha sedado a história com Léo [...] da parte dele continuou vivendo a história, mesmo sem cartas, emails, telefonemas [...] (NOLL, 2002, p. 86-87).

O personagem do romance precisa de um elo que o faça pertencer novamente ao seu país. Ele tenta estabelecer esse elo primeiramente através da recuperação da língua portuguesa, que só é possível quando se sente pertencer novamente a casa; depois pela localização do seu endereço; ao reencontrar Léo, quer reconhecê-lo e ser reconhecido por ele. Por fim, há a menina Sarita, filha de Léo, de quem ele afirma ser o outro pai.

Sarita estava agora ali comigo, pois é, com o seu outro pai, nem primeiro nem segundo, mas esse outro que deveria lhe passar a impressão de que tudo o que vinga na vida vem em duplo, pronto!, para recompensar a falta da mãe ela tinha dois homens de pai, o outro e este que agora a devolvia ao solo [...] (NOLL, 2002, p. 98).

Os três criam um vínculo de família, e uma rotina, num momento em que o personagem diz precisar de pouco, muito pouco: uma refeição, água, banho, roupa lavada, o sono nu, “nada além do que o dia nos apresentasse” (NOLL, 2002, p. 92-93). Porém reconhece que essa postura não condiz com o seu anseio, e, ao bater no peito por três vezes, afirma: “[...] preciso travar uma guerra ainda sem nome, quero ainda muito mais que tudo” (NOLL, 2002, p. 94).

À guerra sem nome une-se o desejo pela afirmação, e não mais as carências, desculpas ou negações: “[...] não quero mais a volúpia de sair para as ruas à procura do que se nega ao menor laivo de busca [...]” (NOLL, 2002, p. 94). Uma outra guerra, também sem nome, é o motivo por que os refugiados vieram para o Brasil.

O personagem convida Sarita para conhecer a menina afegã, e tenta aproximar as duas ao descrever a estrangeira como “[...] uma menina que se parecia muito, muito com ela, os mesmos cabelos morenos e lisos, os mesmos olhos castanhos quase também negros [...]” (NOLL, 2002, p. 88). A mesma menina estrangeira a respeito da qual vislumbrara: “será uma

brasileira como as outras, falará o português tão bem quanto eu que já esqueci o inglês.” (NOLL, 2002, p. 80-81)

Os dois chegam ao acampamento. O que se percebe é a língua estrangeira que não produz, para eles, significados, mas apenas interferência, ruído.

Tudo em volta era feito de sons que valiam por si mesmos, a língua nova, nenhum fonema tinha serventia para se entender o que as imagens do mundo por si só não davam conta de fazer. Apenas ficar olhando em torno sem saber o que a voz fala é como deve ser um surdo-mudo, só a inteligência xucra investigando a imagem, e no mais vivendo apenas para estranhar o conteúdo misterioso da boca em movimento (NOLL, 2002, p. 100).

Porém, a primeira ligação que ele quer estabelecer entre as duas meninas é através da língua – o que poderia ser visto como uma tentativa de amenizar algo que para ele fora difícil, quando o desconhecimento da língua inglesa o marginalizava, e ele não parece desejar a mesma situação para a menina, senão o contrário, o conforto da compreensão. “Pedimos a um brigadiano licença para entrarmos [...] que precisávamos encontrar uma criança para poder aprender português com essa moça aqui – o guarda sorriu para a tal moça que dava na altura do meu bolso [...]” (NOLL, 2002, p. 100).

A menina observa o grande aglomerado de pessoas no acampamento: “[...] tudo fugindo da guerra?, Sarita perguntou assim bem de repente, como se enfim tivesse penetrado com fulminância na imagem conflagrada que eu cultivava, feito apertasse na mão uma semente de história. Da guerra, sempre a mesma guerra, eu sem querer falei, da guerra, ela repetiu [...]” (NOLL, 2002, p. 100-101).

Uma aproximação da condição deles – a dos dois, ali, e a dos que estão abrigados no acampamento –, e a elevação dessa condição ao reconhecimento universal, pode ser expressa no trecho: “[...] vivíamos em eterno deslocamento, em fortuita expansão por entre os acampamentos dos sobreviventes; os nossos sapatos embarrados queriam dizer que nos movimentávamos pelo mesmo terreno que eles [...]” (NOLL, 2002, p. 101-102). Eles não vêm nomeados por nenhuma instituição, são guiados, segundo o personagem, por uma “[...] vontade quase obscena de se meter no meio deles de passagem, sempre de passagem [...]” (NOLL, 2002, p. 102).

Quando os dois encontram a menina afegã, ela o reconhece e parece aceitar a sua presença mais pelo fato de haver outra menina “[...] com o seu tamanho, a mesma pele, até as feições meio parecidas [...]” (NOLL, 2002, p. 102) junto a ele, e do possível reconhecimento do homem como um pai, uma figura que conforta. Sarita sorri e caminha até a menina.

Soltei a mão de Sarita, deixei-a que andasse a caminho da outra. Sarita disse oh, assim mesmo, oh, como se ainda não soubesse falar, virgem de semântica. É que ela descobria naturalmente como ensinar uma língua para um ser estrangeiro –, isso não se aprende, é puro dom [...] (NOLL, 2002, p. 103).

Sarita caminha até a menina e a ela se liga, “virgem de semântica”, e diz “[...] assim oh, OH!, como se estalasse o primeiro sentido da espécie, o espanto!, espanto diante do outro com o meu corpo, que podia estar aqui onde eu estou, e eu naquele espaço preciso que ela ocupa agora, oh! [...]” (NOLL, 2002, p. 103). Mais uma vez recorre-se ao tema do duplo, quando poder-se-ia dizer que o personagem quer aproximar as duas meninas, como se elas se espelhassem, se reconhecessem. Sarita se torna virgem de semântica da língua portuguesa para participar daquilo que a outra sabe e experimenta: a menina com quem se comunica por meio inicialmente de uma curiosidade de aproximação, ao que se segue uma demonstração de união, elo, entrelaçamento. E o espanto diante do outro passa a designar “[...] a calma tentação que faz Sarita tirar do bolso um botão perdido [...]” (NOLL, 2002, p. 103).

Elas encontram uma forma de comunicação, a que parece possível, quando o uso de uma outra forma de linguagem se faz necessário: a expressão da guerra sem nome, a afirmação, a doação, a entrega: quando um objeto simples, um botão, que pode ser um brinquedo e, ao mesmo tempo, um objeto que une, passa de uma mão a outra, de uma menina a outra, como um presente. A ação de Sarita faz com que a menina afegã suspire pacificada, imagem final do romance.

O suspiro dado pela menina, que sinaliza o conforto da compreensão, do entendimento, reafirma o que se poderia chamar retorno, ou reconciliação, do personagem consigo e com a sua terra, com a sua vida. Pois o elo que faltava para o pertencimento parece se cumprir, quando há comunicação possível, há vínculo possível. Travou-se uma guerra sem nome em que se busca a afirmação, a aproximação: pertencer, com o reconhecimento de que somos todos estrangeiros, conforme assinalou Kristeva.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nomear e direcionar as possibilidades de leitura do romance e transformá-las em um percurso certo modo coeso apresentaram-se como um desafio para o desenvolvimento do presente trabalho. A leitura do romance *Berkeley em Bellagio* provocou uma série de instigantes questões, tanto no que diz respeito às temáticas da narrativa quanto à relação desta com os outros romances de Noll.

Conforme assinalado, *Berkeley em Bellagio* apresenta alguns elementos que diferenciam esta narrativa no conjunto da obra romanesca de Noll, quando as referências extratextuais, como as vivências do escritor nos espaços das academias estrangeiras como um intelectual, teriam deixado marcas que, representadas na narrativa e reconfiguradas nas vivências do seu personagem, poderiam sugerir, em uma leitura superficial, uma relação autobiográfica, possibilidade esta discutida no que diz respeito à construção da linguagem na narrativa, quando as experiências vividas pelo personagem são narradas na ficção, e não haveria uma relação biográfica explicitamente estabelecida. Chama a atenção ainda a presença de elementos como a composição do romance em um parágrafo único e a impossibilidade de dissociação dos sujeitos das enunciações em primeira e terceira pessoa.

A presença de um surpreendente nome próprio em um romance de Noll não revela mais do que o que se apresenta: um nome impreciso, gravado em um cartão de modo a identificar o quarto ocupado pelo personagem na Fundação a que se vincula, mas que não parece identificar a ele próprio – a não identificação poderia ser justificada, dadas as conseqüências sofridas por ele, por estar na condição de exilado.

O personagem único de Noll mantém sua característica problemática, principalmente no que se refere ao questionamento da sua identidade, que mostra-se cindida, devido aos deslocamentos empreendidos. O personagem se propõe a realizar uma tarefa como intelectual, mas em espaços estrangeiros que, ainda que lhe tragam suporte, como conforto e subsídios para a sua realização profissional, não provocam nele o sentimento de pertencimento, de ser parte.

Esse fato acaba por interferir na maneira como o personagem percebe o seu trabalho e o valor da sua voz, da sua presença, nesses espaços, que oscila entre o recolhimento de quem se sente marginalizado, e por diversos motivos – as diferenças culturais e de interesses, o desconhecimento da língua, o sentimento de estar fora de lugar, por exemplo –, e a pretensão de quem se sente “superior” por estar em um espaço hegemônico, e que desse modo poderia vir a conquistar alguns privilégios – o *status* social, um bom salário, o ingresso no circuito globalizado da ficção.

Tais leituras foram relevantes, principalmente, para que se pudesse alcançar as abordagens que dizem respeito ao escritor e ao personagem, quando um “eu” ficcional e um “eu” empírico revelariam, juntos, um jogo ficcional muito bem engendrado, de forma a manter questões como a possibilidade autobiográfica no romance, por exemplo, em suspenso, além de provocar novos questionamentos, que se referem ao papel do intelectual latino-americano, dentro e fora do seu país, portador de uma tarefa e de sua voz para a realização desta.

Nesse ponto, a leitura de Hugo Achugar foi bastante significativa, principalmente no que diz respeito à forma pela qual o autor se refere à discussão sobre o poder da voz daquele que se denomina “marginal”, ou “periférico” – categorias as quais poderiam pertencer os latino-americanos, aos olhos dos que estão nos centros de poder da palavra –, ao afirmar serem posições cambiáveis e situacionais tanto a periferia quanto o centro. E demonstra o autor o poder da reivindicação da voz – ainda que muitas vezes considerada um “balbucio” –, nos espaços incertos dos países em desenvolvimento (como é o caso da maior parte dos países da América Latina) – incertos, possuem a vantagem de estarem em constante avaliação e construção – para a ocupação de uma voz ativa nos espaços da produção científica, para a construção de saberes.

Se os protagonistas das narrativas de Noll vivem efetivamente o trânsito, conforme mencionado, o personagem de *Berkeley em Bellagio* sofre, de forma implacável, os efeitos dos deslocamentos empreendidos por ele, para Berkeley, nos Estados Unidos, e para Bellagio, na Itália, ainda que sejam estas suas próprias escolhas.

As abordagens sobre exílio, e seus desmembramentos, o insílio e o *desexilio*, foram importantes para ampliar as noções a respeito do primeiro conceito, de modo a destacar que tanto no próprio país natal poder-se-ia ter o sentimento de ser um estrangeiro, o que poderia caracterizar o sentimento de estar à margem, que é também uma forma de exílio; quanto em relação ao neologismo *desexilio*, não exatamente um antônimo para “exílio”, mas a nomeação

de um deslocamento de retorno ao país natal tão complexo e difícil se comparado ao movimento de saída, que implica em novas rupturas e assimilações.

Migrações e deslocamentos não são um assunto recente, e são representadas, mais enfaticamente ao final do romance, como a condição universal, a de que se está sempre de passagem, sempre em deslocamento. Tal cenário poderia impor dificuldades, para os sujeitos, em recuperarem o passado e sustentarem sua identidade. Essa situação é comentada por David Harvey, para quem as noções de tempo e espaço, ao se modificarem, no mundo pós-moderno, provocaram por consequência a modificação da vida dos sujeitos, interferindo nos modos de comunicação, nos relacionamentos, e no consumo.

O que a geografia provoca neste romance é a possibilidade de os destinos modificarem o sujeito em trânsito, fazendo com que ele se reconcilie consigo e com a sua terra, o seu lugar, ainda que ele não seja mais o mesmo (devido à própria condição de trânsito vivida por ele). Ponto de partida e de chegada, Porto Alegre seria o lugar familiar, no qual ele próprio se reconhecesse: sua casa. No início da estadia em Bellagio o personagem já começa por assinalar pistas do seu desejo de retorno, do seu desejo de reconciliação com o seu lugar, com seus afetos e com o que o identifica consigo mesmo. O anseio de todo exilado, o *desexilio*.

Ele só tinha mesmo o que olhar na sua Porto Alegre, nessa cidade por onde a cada caminhada costumava descobrir, por entre as ruas de história ainda incipiente, novos focos de resistência da memória, fosse como fosse a sua [...] (NOLL, 2002, p. 22).

Um retorno empreendido para o seu país que implica em uma missão de reconciliação, de construção de novo elo com o seu lugar.

A busca pela identificação de lugares, percursos, nomes, e as relações possíveis entre esses elementos, motivou a escrita deste trabalho. Uma busca que se estendeu por um período de tempo suficiente para a indicação de percursos de pesquisa, por meio de um recorte pessoal, mas limitado no que diz respeito a um aprofundamento dos aspectos abordados, além do que pode ser ressaltado o número de leituras possíveis dentro de uma gama de abordagens que o romance *Berkeley em Bellagio* pode provocar.

## REFERENCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. Repensando la heterogeneidad latinoamericana (a propósito de lugares, paisajes y territorios). *Revista Iberoamericana*, Buenos Aires, v. 62, n. 176-177, p. 845-861, jul.-dec. 1996.

ALMEIDA, Márcio. 1000 rastros rápidos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 nov. 1999. Caderno Opinião, p.7.

ALVES, Marcelo Fonseca. *Sem nome, lugar e destino*. s/d. Disponível em: <[www.joaogilbertonoll.com.br](http://www.joaogilbertonoll.com.br)>. Acesso em: 17 ago. 2003.

AVELAR, Idelber. *João Gilberto Noll e o fim da viagem*. s/d. Disponível em: <[www.joaogilbertonoll.com.br](http://www.joaogilbertonoll.com.br)>. Acesso em: 17 ago. 2003.

ANTELO, Raul. Sentido, paisagem, espaçamento. *Revista Margem*, s.l., p.18-23, jul.-dez. 2004.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Passeios na ilha. In: ----- *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. v. 2.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, [19--].

BENEDETTI, Mario. *El desexilio y otras conjeturas*. Santiago del Estero: Editorial Nueva Imagen, 1961.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Buenos Aires: Avellanda, 1986.

\_\_\_\_\_. Temas e problemas. In: MORENO, César Fernández (Org.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001. p. 188-215.

BITTENCOURT, Guida Fernanda. João Gilberto Noll: a náusea kafkiana – Em Lorde, João Gilberto Noll mostra todo o seu talento ao criar personagem transmutante. (Resenha). *Rascunho* – o jornal de literatura do Brasil, Curitiba, ano 5, p. 4, set. 2004.

BORGES, Jorge Luis. O Aleph. In: ----- . *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1998. v.1.

\_\_\_\_\_. A biblioteca de Babel. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1998. v. 1.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAMPOS, Haroldo de. Transluciferação Mefistofáutica. In: \_\_\_\_\_. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: MORENO, César Fernández (org.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. *A céu aberto: a poética da transgressão*. s/d. Disponível em: <www.joaogilbertonoll.com.br>. Acesso em 17 ago. 2003.

CARVALHO, Ana Maria de Bulhões; LOPES, Denilson. *Uma problemática gay na literatura brasileira: os séculos XIX e XX*. s/d. Disponível em: <www.joaogilbertonoll.com.br>. Acesso em: 17 ago. 2003.

CHIODETTO, Eder. *O lugar do escritor*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

D'ANGELO, Biagio. Figurações literárias do intelectual no pós-colonialismo (O Segundo Livro de Crônicas, de António Lobo Antunes). Questões e práticas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – LITERATURA, CRÍTICA, CULTURA: INTERFACES, 3., 2009, Juiz de Fora - MG. 11p. Não publicado.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 3. reimp. São Paulo: Ed. 34, 2004. v. 1.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

DUFOURMANTELLE, Anne. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade* (Entrevista). Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

F, M. L. O hóspede do Hotel Atlântico. *Jornal Leia*. São Paulo, n. 123, p. 15, jan. 1989.

FARIA, Alexandre. *Do flâneur ao “zapeur”*: as técnicas de reprodução e produção de imagens em João do Rio e João Gilberto Noll. s/d. Disponível em: <www.joaogilbertonoll.com.br>. Acesso em: 17 ago. 2003.

FERNANDES, Gisèle Manganelli. Pós-moderno. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF/EdUFF, 2005.



FERNANDES, Ronaldo Costa. Considerações sobre o romance contemporâneo. *Rascunho* – o jornal de literatura do Brasil, Curitiba, n. 61. p. 10, maio 2005.

FONSECA, Rodrigo. *Uma história para contar* – Após 27 anos sem filmar, o diretor paulista Maurice Capovilla estréia “Harmada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 nov. 2003. Caderno B, p. B1.

FOUCAULT, Michel. De outros espaços. Tradução de Pedro Moura. 1967. Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d’Études Architecturales, em 14 de março de 1967. Disponível em: < [http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault\\_pt.html](http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html).> Acesso em: 9 maio 2007.

FRANCO, Jean. *The decline & fall of the lettered city: Latin America in the Cold War*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

FREUD, Sigmund. Lo siniestro. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. 4. ed. Tradução de Luis Lopez Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva Madrid, 1981. t. 3.

GOMES, Renato Cordeiro; MARGATO, Izabel (Org.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim” dos territórios à multiterritorialidade*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna* – uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Organizadora: Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1986.

LOPES, Carlos Herculano. Em clima de desesperança. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 09 fev. 2002. Caderno Pensar, p. 4.

LOPES, Carlos Herculano. Pampas rompem fronteiras : escritores do Sul do País extrapolam seus territórios e têm livros publicados por grandes editoras nacionais. Destaque para o Rio Grande do Sul, em maior escala, e para o Paraná. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev. 2005. Caderno Cultura.

LOPES, Denilson. *Notas para uma história de homotextualidades na literatura brasileira*. Disponível em: [www.joaogilbertonoll.com.br](http://www.joaogilbertonoll.com.br). Acesso em 17/08/2003.

MEIRA, Claudete Daflon dos Santos. *O narrador de viagem: Marco Polo; o outro Marco Polo; Marco Polo em negativo*. s/d. Disponível em: <[www.joaogilbertonoll.com.br](http://www.joaogilbertonoll.com.br)>. Acesso em: 17 ago. 2003.

MICHELIN, Marcos. *Autores convergem na releitura da história: a produção literária brasileira passa por uma experiência extremamente marginal, nos vários sentidos do termo, que aborda a violência urbana e a prisão*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 31 ago. 2002. Caderno Pensar, p. 2. Entrevista à Prof. Dra. Maria Antonieta Pereira (UFMG).

MIGNOLO, Walter. *Decires fuera de lugar: sujetos dicentes, roles sociales y formas de inscripción*. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima, n. 41, p. 9-31, 1995.

MINDLIN, Dulce. *Persona*. In: ----- . *E-dicionário de termos literários*. Coordenação de Carlos Ceia. ISBN: 989-20-0088-9. s/d. Disponível em: <<http://www2.fesh.unl.pt/edtl/verbetes/P/persona.htm>> Acesso em: 24 ago. 2009.

NA ERRÂNCIA dos protagonistas. Festival de Brasília aplaude Harmada, baseado em livro de João Gilberto Noll, sobre o universo da arte. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 nov. 2003. Caderno Cinema, Cultura, p. 4.

NOLL, João Gilberto. *A céu aberto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NOLL, João Gilberto. *A fúria do corpo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. ; São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. ; Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

NOLL, João Gilberto. *Acenos e afagos: romance*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NOLL, João Gilberto. *A literatura é muito perigosa*. s/d. Disponível em: <[http://www.artepolitica.com.br/entrevistas/entrevista\\_noll.htm](http://www.artepolitica.com.br/entrevistas/entrevista_noll.htm)>. Acesso em: 05 jun. 2007. Entrevista concedida a Bruno Dorigatti e Miguel Rosário.

NOLL, João Gilberto. *A máquina de ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

NOLL, João Gilberto. “A minha narrativa eu trago no peito”. *Revista EntreLivros, Rio de Janeiro*, out. 2006. Entrevista concedida a Michel Laub.

NOLL, João Gilberto. *Bandoleiros*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, c1985.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Rio de Janeiro: Rocco, 1988*.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *São Paulo: Companhia das Letras, 1999*.

\_\_\_\_\_. *Bandoleiros: romance*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NOLL, João Gilberto. *Berkeley em Bellagio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. São Paulo: Francis: W11, 2003.

NOLL, João Gilberto. Caminhando pela baía de San Francisco. Berkeley, Fevereiro de 1998. Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 3-7, jun. 1998. Entrevista concedida a Maurício Vasconcelos.

NOLL, João Gilberto. *Canoas e marolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, c1999.

NOLL, João Gilberto. Cinema das essências. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 jan. 2003. Disponível em: <[www.joaogilbertonoll.com.br](http://www.joaogilbertonoll.com.br)>. Acesso em: 7 abr. 2003. Entrevista concedida a Mariana Peixoto.

NOLL, João Gilberto. *Harmada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. São Paulo: Francis/W11, 2003.

NOLL, João Gilberto. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. São Paulo: Francis: W11, 2004.

NOLL, João Gilberto. *Lorde*. São Paulo: Francis, 2004.

NOLL, João Gilberto. *Mínimos, múltiplos, comuns*. São Paulo: Francis: W11, 2003.

NOLL, João Gilberto. Morando de novo no Brasil, o escritor gaúcho João Gilberto Noll lança Berkeley em Bellagio, sua obra mais ousada. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 nov. 2002. Caderno Cultura, p. 4. Entrevista concedida a Carlos Herculano Lopes.

NOLL, João Gilberto. *O cego e a dançarina*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980;.

NOLL, João Gilberto. O escritor gaúcho João Gilberto Noll lança um romance inspirado em sua experiência como estrangeiro – João Gilberto Noll: o autor gaúcho faz em Berkeley em Bellagio uma guinada em sua consagrada carreira literária. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 nov. 2002. Entrevista concedida a Cláudia Nina.

NOLL, João Gilberto. *O quieto animal da esquina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. São Paulo: Francis: W11, 2003.

NOLL, João Gilberto. Os meus personagens sofrem de elefantíase mental. *Rascunho* – o jornal de literatura do Brasil, Curitiba, ano 5, p. 5, set. 2004. (Sem especificação de entrevistador).

NOLL, João Gilberto. *Rastros do verão*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NOLL, João Gilberto. *Romances e contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NOLL, João Gilberto. Um autor sem medo de desagradar. Belo Horizonte: *Estado de Minas, Belo Horizonte, 20 maio 1999*. Caderno Espetáculo. Entrevista concedida a Mirtes Helena.

NOUZEILLES, Gabriela. Heterotopías en el desierto: Caillois y Saint-Exúpery en Patagonia. *Margens/Márgenes*, Belo Horizonte, p. 84-91, jul.-dez., 2004.

OLIVEIRA, Marinyse Prates de. *Laços entre a tela e a página*. s/d. Disponível em: <[www.joaogilbertonoll.com.br](http://www.joaogilbertonoll.com.br)>. Acesso em: 17 ago.2003.

ORNELLAS, Sandro. *A narrativa subjetivante de João Gilberto Noll*. s/d. Disponível em: <[www.joaogilbertonoll.com.br](http://www.joaogilbertonoll.com.br)>. Acesso em: 17 ago. 2003.

OTTE, Georg; VOLPE, Miriam Lídia. Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin. *Fragmentos* – Revista de Língua e Literatura Estrangeiras, Belo Horizonte, n. 18, p. 35-47, jan.-jun. 2000.

PAULO, J. Como se expressa o mal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 09 jul. 2000. Caderno Espetáculo/Livros, p. 8.

PAULO, J. Iluminações americanas – Maurício Salles Vasconcelos lança hoje livro sobre a influência do poeta francês na modernidade. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 jun. 2000. Caderno Espetáculo, p. 7.

PEIXOTO, Mariana. Dono de uma das prosas mais densas da atual literatura brasileira, o escritor João Gilberto Noll tem dois de seus romances em processo de adaptação para as telas, com direção de Maurice Capovilla e Suzana Amaral. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 jan. 2003. Caderno Cultura.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Belo Horror. In: \_\_\_\_\_. *A sedução da barbárie: o marxismo na modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PELLEGRINI, Tânia. A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade. *Revista de crítica literária latino americana*, Lima, ano 27, n. 53, p. 115-128, 1. sem. 2001.

PIGLIA, Ricardo. Una propuesta para el nuevo milenio. *Margens/Márgenes*. Belo Horizonte, Buenos Aires, n. 2., p. 1 – 3, out. 2001.

PINTO, Manuel da Costa. Liturgia dos sentidos. *Revista Cult*, São Paulo, n. 68, p. 38-39. Seção “Estante Cult”.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Representações do intelectual*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *La riesgosa navegación del escritor exiliado*. Montevideo: Arca, 1998.  
REIS, Sérgio Rodrigo. Charme e tradição. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 dez. 2003. Caderno Cultura.

RESENDE, Beatriz. *O súbito desaparecimento da cidade na ficção brasileira dos anos 90*. s/d. Disponível em: <www.joaogilbertonoll.com.br>. Acesso em 17 ago. 2003.

ROSENBAUM, Yudith. *O fim das paixões tristes* – o reencontro com as “causas perdidas” de cada um surge como um novo princípio de esperança. *Revista Leia*, Campo Grande, RS, n. 126, p. 23-25, abr. 1989.

SANT’ANNA, Marcelo. É urgente a aproximação Brasil e América Hispânica. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 2 ago. 2003. Caderno Pensar, p.2. Entrevista a Idelber Avelar.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1997.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2003.

SÜSSEKIND, Flora. Ficção 80: dobradiças e vitrines. In: \_\_\_\_\_. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993. p. 239-252.

\_\_\_\_\_. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Tradução de Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TRIGO, Abril. *Memorias migrantes: testimonios y ensayos sobre la diáspora uruguaya*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2003.

VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.

## ANEXO A - CRONOLOGIA DE JOÃO GILBERTO NOLL

1946 - Nasce João Gilberto Noll, em Porto Alegre, o quarto dos seis filhos de João e Ecila Noll.

1953 - Ingressa no Colégio São Pedro, de padres maristas, onde fica até o fim do ginásio.

1954 - Inicia estudos de piano.

1967 - Ingressa na Escola de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

1969 - Abandona o Curso de Letras.

Transfere-se para o Rio de Janeiro.

Começa a trabalhar como jornalista na Folha da Manhã e Última Hora.

1970 - Publica seu primeiro conto na antologia *Roda de Fogo*, organizada por Carlos Jorge Appel, Editora Movimento, Porto Alegre.

Transfere-se para São Paulo, onde trabalha como revisor na Companhia Editora Nacional.

1971 - Retorna ao Rio de Janeiro onde escreve sobre literatura, teatro e música na Última Hora.

1974 - Retoma o Curso de Letras na Faculdade Notre Dame, Rio de Janeiro.

1975 - Leciona no Curso de Comunicação na Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro.

1979 - Conclui o Curso de Letras.

1980 - Publica seu primeiro livro, *O cego e a dançarina*.

Recebe os Prêmios "Revelação do Ano" da Associação Paulista de Críticos de Arte, "Ficção do Ano" do Instituto Nacional do Livro e o "Prêmio Jabuti" da Câmara Brasileira do Livro.

1981 - Publica *A Fúria do Corpo*.

1982 - Ganha bolsa do Programa de Escritores da Universidade de Yowa, EUA.

1983 - Participa na Alemanha de antologia de novos contistas brasileiros.

1984 - O cineasta Murilo Salles adapta para o cinema o conto *Alguma coisa urgentemente*, estrelado por Claudio Marzo, com o título *Nunca fomos tão felizes*.

1985 - Publica o romance *Bandoleiros*.

É defendida a primeira tese de mestrado sobre a sua obra, na Universidade Federal do Rio de Janeiro por Mauricio Salles.

1986 - Retorna a Porto Alegre, depois de 17 anos.

Publica o romance *Rastros do Verão* e reedita o livro de contos *O cego e a dançarina*.

1987 - Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro.

1988 - Recebe bolsa da Fundação Vitae.

1989 - Publica o romance *Hotel Atlântico*.

Reedita o romance *Bandoleiros*.

1990 - Reedita o romance *Rastros do Verão*.

1991 - Publica o romance *O Quietos Animal da Esquina*.

1993 - Publica o romance *Harmada*.

Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro por *Harmada*.

1994 - Coordena oficinas literárias na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1995 - Reedita o romance *Hotel Atlântico*.

1996 - Passa um mês em Berkeley, EUA como escritor visitante da Universidade da Califórnia.

Publica o romance *A céu aberto*.

1997 - Convidado para lecionar Literatura Brasileira no Campus de Berkeley da Universidade da Califórnia, EUA.

Publica *Contos e Romances Reunidos*.

Publica na Inglaterra a tradução de *Hotel Atlântico* e *Harmada*.

1998 - Inicia a publicação de pequenos contos, duas vezes por semana, Instantes Ficcionalis, intitulados Relâmpagos, na Folha de São Paulo, em agosto de 1998 até dezembro de 2001.

1999 - Publica o romance *Canoas e Marolas*.

2002 - Recebe Prêmio da Fundação Guggenheim.

Publica o romance *Berkeley em Bellagio*.

2003 - Reedita o romance *Harmada* pela Editora Francis

2003 - Publica *Mínimos Múltiplos Comuns* pela Editora Francis.

2004 - Passa dois meses em Londres como escritor-residente no King's College onde escreveu o romance *Lorde*.

2004 - Recebe o Prêmio Ficção da Academia Brasileira de Letras pela obra *Mínimos Múltiplos Comuns*.

2004 - Publica o romance *Lorde* pela W11.

2004 - A obra *Mínimos Múltiplos Comuns* recebe o Prêmio Jabuti de melhor capa e o segundo lugar para livro de contos e o Prêmio ABL de Ficção 2004

2004 - João Gilberto Noll começa a colaborar quinzenalmente com o caderno Pensar do jornal Correio Braziliense, da capital federal, com extensos contos que ocupam duas páginas do suplemento.

2005 - Na edição 100 da revista Bravo! (oito anos de vida - dezembro 2005), *Lorde* aparece como um dos 100 melhores livros em 8 anos.

2006 - Publica o livro de contos *A máquina do ser* que ganhou o prêmio de melhor livro de contos do ano, pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) em 2007. O livro ganha o Prêmio Bravo! Prime, de melhor livro do ano, conferido pela Revista Bravo!.

2008 – Publica o livro de contos *Acenos e Afagos*, pela editora Record, que também reedita a sua obra neste ano.



## ANEXO B – TRABALHOS ACADÊMICOS PUBLICADOS SOBRE A OBRA DE JOÃO GILBERTO NOLL

ALVES, Regina Célia dos Santos. *A poética neobarroca de A fúria do corpo*. 2000. 243 f. Tese (Doutorado)–Faculdade de Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2000.

AMARAL, Adriana Córner Lopes do. *A ficção como espectro: um estudo da obra de João Gilberto Noll*. 1997. 109 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997.

AZEVEDO, Luciene Almeida de. *Um mesmo Zeitgeist duas leituras: Caio Fernando Abreu e João Gilberto Noll*. 1996. 113 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

AZEVEDO, Maria Aparecida Vidigal Barbosa. *Corpo, texto e território, em Dinheiro Queimado, de Ricardo Piglia, e O Quietos animal da esquina, de João Gilberto Noll*. 2001. 184 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

BIZELLO, Alessandra Azeredo. *O estranhamento em João Gilberto Noll e Albert Camus*. 2003. 193 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CAMARGO, Fábio Figueiredo. *A transfiguração narrativa em João Gilberto Noll: a céu aberto, Berkeley em Bellagio e Lorde*. 2007. 149 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa)–Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CAVALCANTE, Alex Beigui de Paiva. *Dramaturgia por outras vias: a apropriação como matriz estética do teatro contemporâneo - do texto literário à encenação*. 2006. 219 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CORDEIRO, Rose Mary da Silva. *Entre-dois: Noll-Antonioni (Literatura-Cine-Movimento)*. 2000. 94 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

CORGOZINHO, Isabel Cristina. *A razão desconstrutiva do corpo: uma leitura das obras de João Gilberto Noll*. 1996. 91 f. Dissertação (Mestrado em Literatura – Teoria Literária e Literatura Brasileira)–Universidade de Brasília, Brasília, 1996.

DIANA, Marcelo Henrique Nogueira. *Imaginação política pós-ditadura: uma leitura de A Fúria do Corpo, de João Gilberto Noll e Em Liberdade, de Silviano Santiago*. 2006. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política – Ciência Política e Sociologia)–Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

DUSI, Rosseana Mezzadri. *Canoas a céu aberto: experiência de espaço em Canoas e marolas e A céu aberto de João Gilberto Noll*. 204. 150 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

ESPINOLA, Adriano Alcides. *Corpo e transgressão no romance pós-moderno*. 1989. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Literatura)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

FERIGOLLO, Ivana. *Do informalismo à rarefação: la mala vida, de Salvador Garmendia e Hotel Atlântico, de João Gilberto Noll*. 2006. 119 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

GOMES, Júlio César de Bittencourt. *Interlúdio da utopia: o ser em fragmentos (leitura de uma trilogia de João Gilberto Noll)*. 1998. 156 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

HEREDIA, Kenia Aulizia. *Literatura e cinema: no percurso da ex-tradição*. 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

MAGALHAES Maria Flávia A. B. *João Gilberto Noll: um escritor em trânsito*. 1993. 266f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária)–Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1993.

MARQUES, Marcos Antonio Leal. *As formas da insolência – uma leitura de A fúria do Corpo, de João Gilberto Noll*. 1999. 145 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1999.

MARTINS, Analice de Oliveira. *Identidades em vôo cego: estratégias de pertencimento na prosa contemporânea brasileira*. 2004. 164 f. Tese (Doutorado)–Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MEDEIROS, Maria Claudia de Lima. *Influências do hipertexto no romance impresso contemporâneo*. 2004. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

MENEZES, Claudia Lage Flores. *Por uma literatura sem pudor*. 2004. 119 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

NEVES, Rejane de Castro. *Espaço em aberto na narrativa atual – o exemplo de Hotel Atlântico*. 1990. 115 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

OLIVEIRA, Alexandre de Amorim. *A identidade esquecida: a experiência do sublime por um narrador pós-moderno*. 2004. 167 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

OLIVEIRA, Eric Alberto Lima de. *A céu aberto de João Gilberto Noll e o paradoxo do narrador contemporâneo*. 2005. 116 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

OLIVEIRA, Marinyze das Graças Prates de. ...*E a tela invade a página*. Laços entre literatura e cinema em João Gilberto Noll. 1996. 174 f. Dissertação (Mestrado Comunicação e Cultura contemporânea)–Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. *Infernos culturais?* A representação do corpo em *A Fúria do Corpo* de João Gilberto Noll. 2000. 118 f. Dissertação (Mestrado Letras e Linguística)–Universidade Federal da Bahia, 2000.

OTSUKA, Edu Teruki. *Narrativa brasileira contemporânea: experiência urbana e indústria cultural*. 2000. 177 f. Dissertação (Mestrado Teoria Literária e Literatura Comparada)–Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PAULA, Maria José Angeli de. *João Gilberto Noll: perambulações*. 1996. 133 f. Dissertação (Mestrado Literatura Brasileira e Teoria Literária)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

PEREIRA, Caciana Linhares. *Experiência e sentido: a resistência e seu avesso na ficção de João Gilberto Noll*. 2004. 141 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

PERKOSKI, Norberto. *A transgressão erótica na obra de João Gilberto Noll*. 1991. 161 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

RAMALHO, Denise do Passo. *Companheirismo de viagem: o leitor e a produção de sentidos: exercício de leitura na obra de João Gilberto Noll*. 1997. 99 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

RODRIGUES, Maria Isaura Pereira. *Construções em simulacro: as poéticas de Sérgio Sant’Anna e de João Gilberto Noll no circuito da comunicação de massa*. 2000. 236 f. Tese (Doutorado)–Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

RODRIGUES, Maria Isaura Pereira. *Sobre a pele do cinema: a poética de João Gilberto Noll*. 1994. 229 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

SANTOS, Josalba Fabiana dos. *Precariedade e vulnerabilidade em A céu aberto de João Gilberto Noll*. 1998. 109 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

SANTOS, Regina Célia dos. *Análise semiótica e textual de Hotel Atlântico, de João Gilberto Noll*. 1994. 107 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 1994.

SILVA, Daniel Barreto da. *Reinvenções da precariedade: o sujeito e o corpo na obra de João Gilberto Noll*. 2006. 122 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Regina Céli Alves da. *Vampiros com dentes cariados: a literatura neodecadentista de João Gilberto Noll (impressões de uma leitura ótica)*. 1999. 294 f. Tese (Doutorado em Ciências da Literatura)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

SILVA, Roginei Paiva da. *Um “estrangeiro” de memória aneurísmica: a sensualidade na escrita de João Gilberto Noll: uma leitura do romance Berkeley em Bellagio*. 2005. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estudos Literários)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

SOBRINHO, Otávio Águeda. *Trilogia da errância: percursos ficcionais de João Gilberto Noll*. 1995. 96 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1995.

SOUZA, Ilza Matias de. *Arte amorosa e devoração literária*. 1993. 183 f. Tese (Doutorado)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

TEIXEIRA, Sandro Juarez. *O imaginário na obra de João Gilberto Noll*. 2000. 104 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

TIZZO, CÉLIO. *Um romance finissecular: Bandoleiros, de João Gilberto Noll*. 2006. 107 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Letras, Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2006.

VIDAL, Paloma. *Depois de tudo: trajetórias na literatura latino-americana contemporânea*. 2006. 234 f. Tese (Doutorado)–Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.